EXCLUSIVO: A HISTÓRIA SECRETA DO ROCK BRASILEIRO

LOLLAPALOOZA

TUDO SOBRE O MAIOR FESTIVAL DE ROCK DO PLANETA E ENTREVISTA COM A REVELAÇÃO, RAGE AGAINST THE MACHINE

VIPER

O NOVO PROGRESSIVO

SUB POP, A PRÓXIMA GERAÇÃO • SAMBA SP • PETER TOSH • RAUL SEIXAS • PARALAMAS

6581 - ANO 09 - Nº 08 - EDIÇÃO 97 - CR$ 3,00

M2000

BIZZ

38 LOLLAPALOOZA 93
André Barcinski foi a Chicago conferir o maior festival de rock do mundo. Os shows, os bastidores, as baixarias e uma entrevista com a banda que roubou o show, o Rage Against The Machine

24 MUITO ALÉM DA JOVEM GUARDA
Exclusivíssimo: Fernando Rosa mergulha nas garagens brasileiras dos anos 60 e revela um capítulo esquecido da história da música nacional

32 SEXO, SAQUÊ E METAL
A banda brasileira que mais faz sucesso no Japão acaba de voltar de uma turnê internacional. Nosso correspondente em Tóquio, Ângelo Ishii, conferiu a popularidade do Viper in loco. Na volta, Pit Passarell abriu o jogo sobre as baixarias da tour para Robert Halfoun

46 PROGRESSIVO 93
A herança do prog rock na música de hoje, da dance music (por Camilo Rocha) ao hard rock (por Carlos Eduardo Miranda). Estrelando: The Orb, Moby, Dream Theatre, Monster Magnet e muito mais gente

capa foto: Steve Double/Retna

este mês

10 O estouro do samba paulistano
12 Igor adianta como será o novo disco do Sepultura
16 A batalha das rádios de rock, por Célia Almudena
14 A vida e a morte de G.G. Allin, por André Barcinski
18 Paralamas ao vivo em Londres, por Anamaria G. De Lemos
20 Da Bahia a BH, um roteiro dos festivais que assolam o pop brasileiro

LANÇAMENTOS
54 Música eletrônica made in brazil, por André Forastieri
56 Titãs, Helmet, Stone Temple Pilots, 58 Morrissey, Rod Stewart e Neil Young

ZONA FRANCA
62 Reverend Horton Heat e os novos nomes da Sub Pop

REPLAY
66 Peter Tosh, Raul Seixas, Deep Purple

CARTAS
72 Piores discos de todos os tempos: os leitores se manifestam!

DISCOTECA BÁSICA
74 *Proud Mary: The Best Of Ike & Tina Turner*, por Jean-Yves Neufville

2º CAMPEONATO BRASILEIRO NESCAU DE GAMES

ELES VENCERAM!

1º LUGAR
EDUARDO ALMEIDA GARCIA - 19 ANOS - SÃO PAULO - SP
PRÊMIOS: 1 TV EM CORES - 1 SEGA CD - 1 BONÉ - 6 MESES DE *AÇÃO GAMES* GRÁTIS - 1 CAMISETA - DIPLOMA

2º LUGAR
JOÃO ROBERTO S. COSTA E SILVA - 17 ANOS - GOIÂNIA - GO
PRÊMIOS: 1 SUPER NES - 1 BONÉ - 6 MESES DE *AÇÃO GAMES* GRÁTIS - 1 CAMISETA - DIPLOMA

3º LUGAR
FERNANDO LUÍS DA CUNHA - 16 ANOS - GOIÂNIA - GO
PRÊMIOS: 1 SUPER NES - 1 BONÉ - 6 MESES DE *AÇÃO GAMES* GRÁTIS - 1 CAMISETA - DIPLOMA

ATÉ A PRÓXIMA, GALERA!

REALIZAÇÃO: REVISTA AÇÃO GAMES
APOIO: novotel playcenter VARIG
PATROCÍNIO: NESCAU

Ilustração: Spleto

editorial

Como dizia o cara no *Esquadrão Classe A*, "adoro quando um plano dá certo". Quando lançamos o primeiro número do novo projeto da BIZZ, sabíamos que não bastava falar das novas bandas - e da nova maneira como o mercado fonográfico nacional se organiza. Era preciso arrumar um nome para o fenômeno.

Chegamos 'a MPB - desta vez, música pop brasileira. Nada de muito original, já sei. Mas é preciso, e também é universal o suficiente para englobar gente tão diferente quanto, digamos, Daniela Mercury e o Gangrena Gasosa. Melhor ainda, batizar de MPB essa movimentação ampliava/ressucitava/estimulava um conceito fundamental (ainda que desgastadão) da cultura brasileira.

O plano deu certo por dois lados. Um, na mídia. O uso de "novo pop brasileiro", "música pop brasileira", "novo pop", "MP do B" (!) e variantes quetais apareceu em todos os grandes jornais. Dois, o lance funcionou com relação 'a própria música. O fato da mídia ter comprado esse conceito ajudou o país a acordar para esse estouro de sua produção musical. Daí a febre de contratações com o "sanguinho novo". Daí a volta dos festivais como lugar certo para essa moçada mostrar seu valor - e desnecessário dizer que quase todos os caras que estão despontando agora foram apresentados ao país na BIZZ.

Também desnecessário dizer que essa revolução na cena musical brasileira não foi inventada aqui na redação. Mas que a revista ajudou bastante, ninguém há de negar. Tudo bem, tudo bem, não precisam aplaudir, a gente estava só cumprindo nossa obrigação...

ANDRÉ FORASTIERI

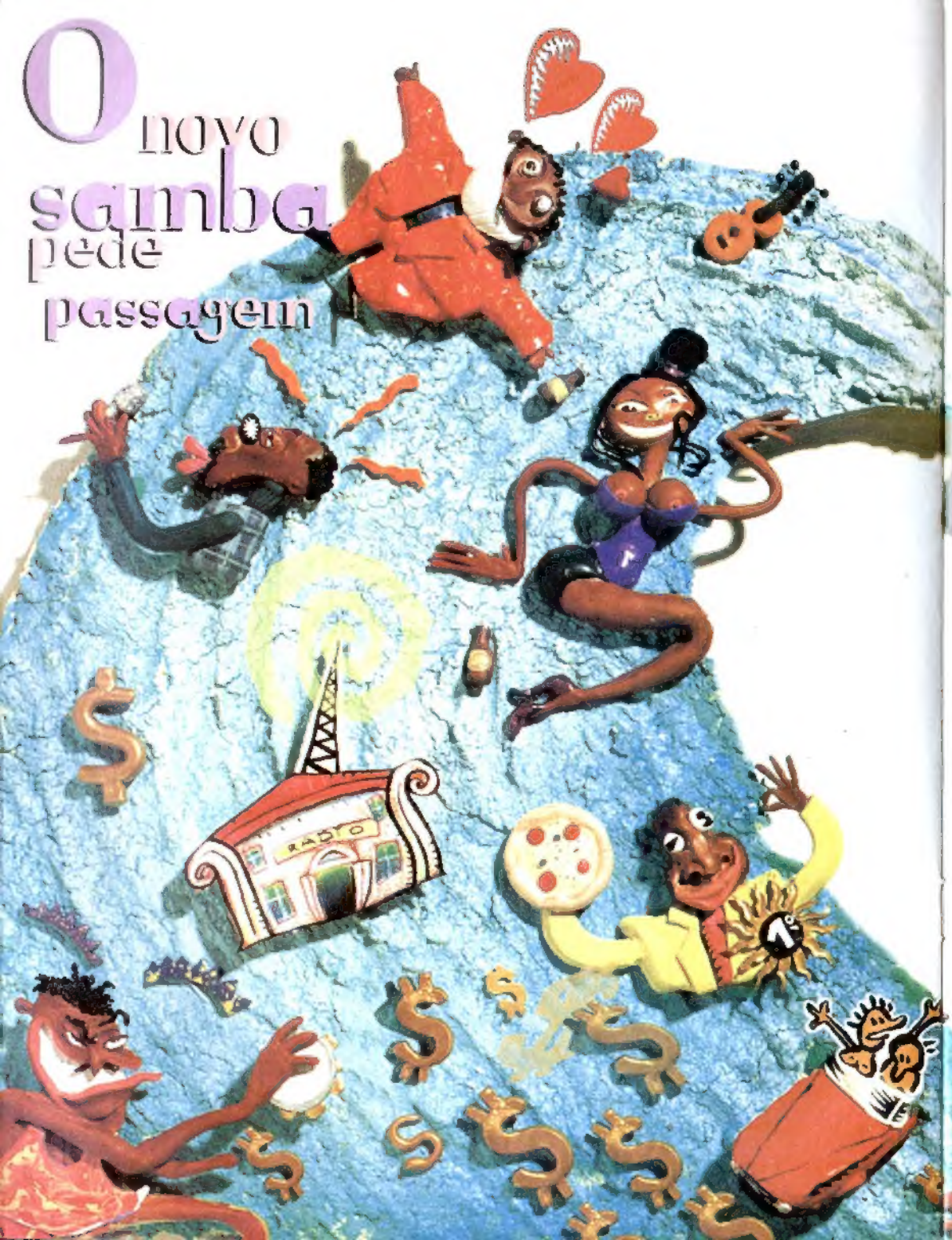
The hollywood way now...

New box way.

Novo hollywood box.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

O novo samba pede passagem



Samba, suor e cerveja é melhor que sexo, drogas e rock'n'roll (texto do outdoor da rádio Transcontinental espalhado por São Paulo)

Quando todo mundo pensava que o samba estava enterrado em meio a invasão de ritmos – como rock, axé, dance e sertanejo – nos meios de comunicação, ele volta com tudo. Direto para os primeiros lugares das paradas.

Em São Paulo, uma rádio especializada em samba, a Transcontinental FM, se tranformou em líder absoluta de audiência, superando as "insuperáveis" Jovem Pan, Band e Transamérica. Detalhe: sua antena fica em Mogi das Cruzes, a cerca de quarenta quilômetros da capital, e atinge apenas 70% da cidade.

Assim como a Transcontinental não vem do Rio – o "tradicional berço do samba" –, os artistas que lizeram seu sucesso tambem não.

Quase todos radicados em São Paulo e criados nos bares da periferia, nomes como Eliana de Lima (750 mil discos vendidos) e o grupo Raça Negra (950 mil) tiraram a imagem de marginal do estilo.

A nova geração do samba – grupos formado por artistas jovens entre 17 e 25 anos – vem com tanta força que ate o pessoal do rap aceita dividir espaço com ela nos bailes do chamado "movimento black paulista". "O samba – como o rap – é música de negro. E um prazer quando as casas de rap abrem espaço para o samba. A galera se amarra", diz René Do Rap. O novo samba também tomou conta de lugares "de bacana" como o Olympia.

Essa aproximação com as novas gerações deve-se, provavelmente, ao inevitável solaque rock que o novo samba adquiriu, fruto indireto do samba rock. "O único grupo que teve influência direta do samba rock é o Raça Negra, formado por pessoas mais velhas, que frequentavam os bailes. Os outros grupos que tem rock na mistura foram influenciados pelo sucesso dos caras", explica Marquinhos, produtor do programa Bem Brasil, na Musical FM e um dos antigos batalhadores do samba paulista – foi um dos criadores do Band Brasil, da Band FM, onde muito da nova geração do gênero surgiu na segunda metade dos 80.

Outro fator que fortaleceu o sucesso atual do samba é a informalidade. "Nesse novo samba, não é preciso saber cantar, basta entusiasmo e acompanhar a voz da galera", diz Benê Alves, sambista multimídia, cantor/compositor e apresentador de rádio, parceiro de Marquinhos.

Em Porto Alegre, onde o samba tem tradição, a Rádio Princesa AM, com apenas 2,5 kwz de potência, ocupa o quinto lugar no IBOPE e chega até a atingir o primeiro em alguns horários, batendo as potências locais – Gaúcha, Caiçara e Guaíba, todas com 50 kwz. A rádio vem se destacando com o "samba swing" e revelando nomes da área como Dema, Carlos Medina, Paulão Batinga, Roberto Costa e os grupos Sem Comentários, Senzala e Bossa Samba Show.

No Rio de Janeiro, o samba também cresce fora das quadras das escolas e da pagodeira de boteco. O Canecão e o Imperator abriram suas portas para o novo samba em shows com lotação máxima.

A rádio Tropical ocupa o segundo lugar no IBOPE com uma programação totalmente voltada para o estilo, dando destaque para o "samba swing".

"É mentira dizer que o samba no Rio morreu. Eu sempre estive em terceiro lugar na audiência. Em julho ainda subi um pouco", diz Ricardo Vilmar, diretor de promoção da rádio e dono do Tropical, selo especializado em samba. A sua gravadora começa, a partir desse mês, a ser distribuída e ter todo o apoio de marketing da *major* PolyGram.

As grandes gravadoras estão mesmo botando fé no estilo. Nos últimos meses elas contrataram vários artistas dos numeros selos independentes de São Paulo, os primeiros a investirem no movimento. A Sony está lançando os grupos Muleke Travesso e Casa Nossa, a EMI-Odeon contratou o Negritude Jr. – a maior promessa para os próximos tempos – e os cariocas do Razão Brasileira. A BMG-Ariola tem no *cast* o Grupo Raça e os mineiros (de Uberlândia) Só Pra Contrariar.

A "não tão *major*" RGE é dona do maior sucesso do momento: o Raça Negra que realizou o *crossover* definitivo regravando "Será", do Legião Urbana. "A mistura é a nova maneira de tocar dos sambistas trouxe sangue novo para o estilo, que sem duvida vai pegar mais ainda. Pelo menos estamos investindo nisso", diz o diretor artístico da BMG-Ariola, Miguel Plopschi.

"O talento e irreverência de nomes como Negritude Jr. vai conquistar o país", aposta João Augusto, da EMI-Odeon.

Então prepare-se, o samba deve ser a próxima grande onda a tomar conta do país. *ROBERT HALFOUN/CARLOS EDUARDO MIRANDA*

Ilustração/SPETO

Bom-gosto do correio americano: em vez de figuras históricas, selos com astros do início do rock e rhythm'n'blues

SEPULTURA, O NOVO DISCO

Igor Cavalera adianta o próximo lançamento de sua banda: "mais agressivo, mais puto, mais foda"

"As peças do quebra-cabeças que nos vinhamos montando finalmente estão se encaixando nos devidos lugares". Assim Max Cavalera define a nova etapa na vida do Sepultura, que acaba de gravar seu novo disco, que deve se chamar Chaos A.D. (Anno Domini), nos estúdios Rockfield, em Monmouth, no País De Gales.
Entre as músicas novas – "Territory", "We Who Are Not As Others", "Amen", "Clenched Fist", Nomad", "Propaganda" e "Refuse And Resist" – eles incluíram "Polícia", dos Titãs, com letra em português mesmo, que já vem sendo tocada pela banda, numa versão hardcore, a alguns anos, nos shows. Por telefone, o baterista Igor Cavalera – que agora ostenta uma cabeleira de dreadlocks roxos e vermelhos – conta como as coisas rolaram.

Como é que estão indo as gravações?
O disco está foda. Mais agressivo que o Arise. Menos rápido e mais puto. Com vocais gritadaços a la Henry Rollins. O máximo ao vivo possível. Som bem ambiente. A bateria é gravada numa sala, o som vai para um P.A. dentro de um banheiro. Aí ele usa um microfone lá para gravar o ambiente.

Vocês tiveram umas participações especiais no disco, não?
O Jello Biafra fez uma letra que fala das idéia do Bush de mandar um monte de germes para o Brasil, para matar um monte de gente. Nós mandamos uma fita com o instrumental e o Jello devolveu com a letra cantada por ele. Talvez a gente até use algum trecho cantado por ele, sampleado. A música se chama "Biotech Is Godzilla".

E tem alguma outra coisa diferente?
"Manifesto" é uma música tipo Killing Joke. Não é cantada. É narrada, como se fosse uma transmissão de rádio, falando sobre o massacre do Carandirú.
"Slave New World", que tem letra do Evan Seinfeld (do Biohazard), fala sobre censura e o império das grandes gravadoras. Ela é muito curta. Tem uns dois minutos. Uma porrada só, a gente estava cansado daquelas músicas cheias de partes.

Existe algum outro projeto de vocês?
O Mike Patton me falou que está a fim de armar uma banda comigo, com o Max e com o Ronaldo, cantor do Gangrena Gasosa. Ele se amarrou no som dos caras.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

TINAS

Angela Basset (vista pela última vez em *Malcom X*) e Laurence Fishburne (que estreou no cinema ainda adolescente, metralhando fantasmas em *Apocalypse Now*) são Tina e Ike Turner em *What's Love Got To Do Whith It*, a cinebio de Anna Mae Bullock (nome de nascença de Tina) que David Gibson dirigiu a partir do livro autobiográfico que Ms. Turner havia escrito em 1986 com a ajuda do jornalista Kurt Loder.
Devidamente paramentada para o papel — com perucas e um conjunto de músculos obtidos a custo de muita malhação —, Angela só não cumpriu uma função, a de cantora. A própria Tina se encarregou de regravar as canções constantes da trilha sonora do filme. Todas, exceto "River Deep", "Mountain High", produzida nos anos 60 por Phil Spector. "O som daquela gravação", explica o diretor Gibson, referindo-se ao trabalho de Phil, "tem uma qualidade que se sustenta até os dias de hoje.".

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Janet Jackson e o rapper Tupak Shakur estrelam *Poetic Justice* (do diretor John Singleton, de *Boyz N' The Hood*). Dizem que o filme é uma droga, mas como ela é bonitinha de repente vale a pena ver

VINDE A MIM...

Quando comentamos com Tim Maia sobre a quantidade de adolescentes gostosas que lotan suas apresentações no Circo, ele não se conteve: "Pois é, agora só como menininha de seis anos". Aí foi foda: "Porra, Tim, de seis?!?". No que ele refutou: "É, mas com corpinho de oito!". Agora só chamamos ele de Teen Maia.

ALEXANDRE ROSSI

ACABOU RAMONES E FNM

Boatos que o Ramones teria acabado. Joey falou com o André Barcinski e negou. Mais, disse que a banda está muito bem e terminou de gravar um novo disco só de covers de bandas dos anos 60. Tem músicas dos Pretty Things, Love, Amboy Dukes, Seeds e "Substitute" do Who, com Pete Townshend cantando. A turnê de lançamento começa em outubro. Mais casa-separa: Big Jim Martin, guitarrista do Faith No More, foi expulso da banda. Sem explicações, nem substituições anunciadas.

alta rotação

Ele já integrou as hordas do Pussy Galore em 86, época em que o grupo gravou dois cassetes artesanais: um ao vivo e outro contendo uma versão caseira do Exile On Main Street, dos Stones, na íntegra. De lá para cá, além de continuar com as insanidades musicais do PG e do Boss Hog, o guitarrista Jon Spencer veio detonar um novo projeto com o album *Extra Width*. Sob a alcunha de JON SPENCER'S BLUES EXPLOSION, o grupo soa como The Stooges tocando country blues, no mínimo. É o máximo!

C.P.

Lance cabuloso é a demo *Erramos Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, do DFC, de Brasília. São vinte e três minutos do mais primoroso hardcore calajeste gravados em exatamente... vinte e três minutos de estúdio! Destaque para "*Mulheres I*" – "Mulher tem que fuder/tem que gemer/tem que apanhar/sem reclamar... tem que passar/tem que lavar/tem que chupar".Grossura é pouco.

C.E.M.

O pioneiro LINK WRAY e o pai das guitarras distorcidas e barulhentas. "*He is the king*", diz o fã Pete Townshend e a coletânea Rumble! *The Best Of Link Wray* (Rhino, distribuída no Brasil pela Planet Music) explica porque. Na maioria, são faixas instrumentais, como "*Rumble*" e "*Jack The Ripper*", em que sua guitarra gritante, agressiva e elegante como uma pantera dá seus ataques minimalistas, mas matadores, em cima de uma base selvagem de baixo e bateria. Essencial.

R.C.

LITTLE QUAIL, PIT BULLS ON CRACK, RIP MONSTER, NEANDERTHAL, GRAFORREIA XILARMÔNICA. Cinco boas bandas que você já andou ouvindo falar na BIZZ, antes só disponíveis em demo, chegam ao vinil na coletânea A Voz Do Brasil (Eldorado), projeto do programa da 89 FM de São Paulo. Little Quail e o GX são hits aqui na redação faz tempo. Agora você vai poder decidir se os dois são do caralho mesmo ou a gente que é surdo.

A.F.

NOJENTO

Fotos: André Barcinski

Os últimos momentos de G.G. Allin, o roqueiro mais porco do planeta

A morte de G.G. Allin, por uma overdose de cocaína, heroína e não sei mais o quê, não foi surpresa para ninguém. O estranho é que ele tenha conseguido sobreviver por mais de 30 anos tomando drogas como se fosse laranjada.

Para quem não sabe, G.G. Allin foi o roqueiro mais escroto, porco e engraçado que pintou no planeta. Era um louco. Ele entrava no palco invariavelmente pelado. E começava o ritual: G.G. se abaixava e fazia cocô. Como se não bastasse, comia suas próprias fezes. As sobras, ele jogava na platéia... que adorava!

Vi um dos últimos shows de G.G. Allin. Foi no clube Under the Rail, em Seattle. Pelo menos metade da platéia era Hell's Angels ou similares. O show foi aberto pelas bandas Lesbian Muff Divers (Lésbicas Chupadoras de Xoxota) e The Sound of Fuck (O Som do Foda).

Prometi para Nasty (Nojenta), empresária da Lesbian Muff Divers, uma entrevista na BIZZ em troca de dez minutos de papo com G.G. O cantor havia saído da cadeia há seis meses. Ele ficou preso dois anos por bater fogo na mulher em frente ao sogro.

Pergunto sobre sua nova excursão e ele se mostra pessimista: "Não posso tocar em lugar nenhum que a polícia está sempre atrás de mim. Tenho convites para shows no Canadá, mas não me deixam passar na fronteira. E, se eu por acaso passar, os Estados Unidos não me aceitam de volta!".

Nos 15 minutos que agüentei ficar aturando o cheiro de cachaça do infeliz, deu para sacar que por trás de toda a escatologia existia um cara inteligente, autor de frases lapidares do tipo "Me considero um deus do rock'n'roll. Por isso meus fluidos e excrementos também são sagrados. Como minhas fezes, porque não quero deixar fluidos sagrados perdidos por aí, em qualquer lugar".

O show foi memorável. A música não interessava muito, era um punk hardcore pesadão e muito rápido. O interessante em G.G. Allin era sua presença de palco. Ele batia com o microfone na própria cabeça, jogando jatos de sangue na platéia. Depois procedia com a tradicional introdução do microfone no seu próprio ônus. Não contente, escolhia um infeliz no público e cobria o cara de porrada.

No final do show, G.G. pegou um litro de álcool e tacou fogo no palco. O espetáculo terminou com os bombeiros em desespero tentando apagar as chamas, enquanto ele, pelado, continuava a cantar mesmo depois que todos os outros membros da sua banda já haviam fugido do palco com medo de serem queimados.

O episódio de sua morte não fica atrás: em um show em Nova York, G.G esmurrou um cara na platéia e uma briga violenta degenerou por todo o clube. A polícia chegou e prendeu um monte de gente. Mesmo pelado, o cantor saiu pelo porta da frente e andou quatro quarteirões até a casa do líder da banda Genocide, Jimmy Puke (Jimmy Vômito). Quatro horas depois estava morto, vítima de uma overdose.

Sua morte foi chorada por amigos e fãs (e ele tinha muitos!). G.G. foi enterrado em caixão aberto - pelado. Vai para o trono ou não vai?

ANDRÉ BARCINSKI

Stamp RockWear

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE (011) 299 7478

CAMISETAS ESPECIAIS
ESTAMPA NA FRENTE E COSTAS

CAMISETAS MANGA CURTA E LONGA

PREÇOS

MANGA CURTA (MC)...CR$ 1.070.000,00
MANGA LONGA (ML) CR$ 1.300.000,00
CAMIS ESPECIAL(TE) ...CR$ 1.370.000,00

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/08/93
DE 01/09 A 15/09 AUMENTO DE 15%

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

82-91

NOME
END
CEP CID EST

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/ STAMP- RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

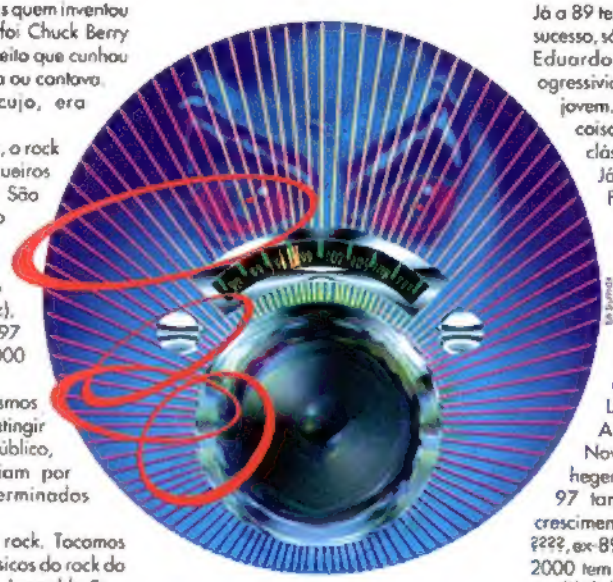
VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGENCIA MAIS PROXIMA DE SUA CASA

Rock 'n' Roll Radio

Quatro emissoras disputam o título de rádio mais rock de São Paulo

Claro, já virou lenda. Mas quem inventou o nome rock'n'roll não foi Chuck Berry nem Little Richard. O sujeito que cunhou tal expressão não tocava ou cantava. Alan Freed, o dito-cujo, era radialista.

Pois é, desde que nasceu, o rock está envolvido até os cueiros com o rádio. Mas em São Paulo elas agora são quatro. E estão disputando a tapa o mercado. Pela ordem no dial: 89 FM (89.1 mhz), Nova FM (89.7 mhz), 97 FM (97.7 mhz) e Brasil 2000 (107.3 mhz).



Apesar de trazer os mesmos "sucessos" e procurar atingir basicamente o mesmo público, as rádios se diferenciam por investir mais em determinados segmentos.

"A 97 é a pioneira no rock. Tocamos mais rock pauleira e clássicos do rock do que as outras", alardeia Leopoldo Rey, da 97. Instalada há dez anos em Santo André (Grande SP), a rádio se mudou no final do ano passado para São Paulo. "Tivemos um aumento de público de cerca de 70% com a mudança."

Já a Brasil 2000 sempre possou a imagem de "alternativa". Como college radio da Faculdade Anhembi Morumbi, ela não tem a preocupação comercial que permeia as outras rádios. "Não encaramos o rock simplesmente como um produto da atualidade", acredita Roberto Maia, da Brasil 2000. "O rock tem 40 anos, não é só para o jovem. Temos compromisso com as coisas mais modernas, mas também com o passado".

Já a 89 tem "o formato de uma rádio de sucesso, só que usa o estilo rock", pondera Eduardo Andrews, da 89. "A agressividade é a cara da rádio e do jovem. Nosso diferencial é tocar as coisas mais atuais, sem deixar os clássicos de lado."

Já a Nova FM, antiga Record FM, passou por uma drástica mudança há cerca de um ano. "Nossa programação mistura o músico dance — que tem um público superfiel — com pop e rock. Somos uma rádio superlançadora. Não temos medo e por isso não esperamos os outros tocarem", explica Lélio Márcio Teixeira, da Nova.

A briga está esquentando. A Nova FM começa a ameaçar a hegemonia da 89 no segmento. A 97 também está numa curva de crescimento - e agora conta com Everson ????, ex-89, como programador. A Brasil 2000 tem pouca audiência, mas muita credibilidade. Todos investindo no lançamento de músicas e na promoção de shows para fortalecer suas posições. Mas em um ponto todos concordam: a estética rock está pegando e está vendendo. Agora são quatro emissoras disputando o maior mercado do país. Bom para elas, melhor para o ouvinte.

CELIA ALMUDENA

COBAIN EM CANA

mas novo disco do nirvana foi confirmado para esse dia 18

RETNA

Kurt Cobain pegou algumas horas de cana por dar uns tabefes em sua adorável esposa, Courtney Love. A barra dele ainda ficou mais suja porque a polícia de Seattle encontrou três armas e uma grande quantidade de munição em sua casa. Courtney defendeu o marido, dizendo que as marcas em seu braço e pescoço teriam sido provocados pelas cordas de sua guitarra. "Kurt e eu raramente brigamos. Ninguém poderia encontrar melhor marido. Ele é um verdadeiro feminista", declarou para a *NME*, dando um exemplo do modo com o qual as mulheres devem se portar nessa situação.

Enquanto isso continua o bafafá sobre o novo disco do grupo. O produtor e rei do mau-humor Steve Albini diz que "a Geffen e os empresários da banda odiaram o disco, não acredito que ele venha a ser lançado." Cobain negou a boataria em carta à *Newsweek*, dizendo "temos controle total sobre nossa música". A Geffen confirma o lançamento do já polêmico álbum para o dia 18 de setembro. Deve se chamar *In Utero*.

Ale Mendes

Showbizz

HIGH LOW

Banda de garotas? Agora tem mais uma, formada por uma especialista, Marielle Loyola - ex-vocalista do Volkana (que aliás teve seu primeiro disco lançado nos EUA há pouco tempo). Além de Marielle na guitarra e backing vocals, o High Low tem também Paola Mattiazzo (vocal), Monika Grappi (baixo), Roberta Parisi (bateria) e Cibele Pugliesi (guitarra) acaba de gravar um disco. Elas investem num rock pesadão, mesmo na cover de "Lucy In The Sky With Diamonds", dos Beatles. E o Volkana? Continua. Está estreando sua nova formação, com Cláudia França nos vocais.

ao vivo

PARALAMAS

Brixton Academy, Londres

As ilhas britânicas são provavelmente o único lugar da Europa onde a música brasileira — em toda sua diversidade — ainda recebe o (ofensivo) rótulo de "world music". Como se não bastasse, a Brixton Academy está abarrotada de, como diz o próprio Herbert Vianna, "viúvas do Queen".

Este já é o sétimo show dos Paralamas abrindo para Brian May. A combinação estranha foi a idéia corajosa do próprio May. Segundo o grupo, os shows têm provocado reações variadas: algumas platéias nem sabem onde fica o Brasil, outras, como na Escócia, caíram no carnaval. Mas Londres é a grande vitrine. Esta noite o Aswad está na lista de convidados, amanhã, Joe Strummer.

O público é pego de surpresa porque Herbert, Bi e Barone logo atacam com "Alagados". Alguém no meio da multidão ergue uma bandeira do Brasil. A melhor faceta dos Paralamas sempre foi os shows, e aqui eles não perdem chance de mostrar sua versatilidade, temperando o reggae com alguns momentos mais pesados. A garotada que veio admirar a habilidade técnica de May parece gostar dos solos de Vianna, e o que é isso senão um elogio? A língua continua sendo a barreira intransponível, mas isso é remediado por uma versão de "Get Up, Stand Up", de Bob Marley.

Tocar para um público perplexo não é uma situação ideal, mas o fato de os bares terem permanecido vazios durante o show de abertura diz muito. Ouvindo os gritos de êxtase dos fãs enquanto May assassina "Love Of My Life", fujo pela porta de trás e concluo que a noite, afinal, foi um sucesso. Não total, mas surpreendente, assim mesmo.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Você que é fã do Pantera: veja como os caras eram jecas antes de virarem esses machões tatuados de hoje

OUÇA ESSA

"O reggae que é politizado acaba sendo retrógrado"
Samuel, no Jornal do Brasil

"Skank não tem revolta na pele, não passou por dificuldades"
Bernardo, Cidade Negra, no Jornal do Brasil

"Todo mundo deveria se casar para comprovar como é tonta e caduca essa instituição"
Madonna

"Rock'n'roll vem antes de tudo... Deus, pátria, saúde, relacionamentos!"
Chris Robinson, do Black Crowes, para a Vox

O QUE ELES TÊM EM COMUM?

ADRIANA CALCANHOTO

ESTES DOIS ARTISTAS FAZEM PARTE DA MAIS *NOVA GERAÇÃO* DA MÚSICA BRASILEIRA. ELES SÃO *SUCESSO ABSOLUTO* NA OPINIÃO DO PÚBLICO E DA CRÍTICA, E NO PALCO ELES FAZEM UMA PRESENÇA DE *NÍVEL INTERNACIONAL*. AGORA ELES ALCANÇARAM O *DISCO DE OURO*, COM MAIS DE 100 MIL CÓPIAS VENDIDAS CADA UM. **EDSON CORDEIRO** E **ADRIANA CALCANHOTO** SÃO MAIS DOIS TALENTOSOS ORGULHOS DA SONY MUSIC.

CD • K7 • LP

EDSON CORDEIRO

O FESTIVAL DE FESTIVAIS QUE ASSOLA O PAÍS

Este ano está sendo marcado pela presença de festivais de rock em todos os cantos do Brasil.

As bandas do mangue — Chico Science & Nação Zumbi, Loustal e Mundo Livre S.A. — deram as caras para o grande público no Abril Pro Rock, um festival que aconteceu em Recife e reuniu mais umas dez bandas. Os Raimundos e Little Quail & The Mad Birds, de Brasília, viraram alvo preferido das gravadoras — grandes e pequenas — no SuperDemo, que acontece bimestralmente no Rio e já apresentou Gangrena Gasosa, Artigo 288, Skank e Pravda.

A agitação rocker em Curitiba só tomou corpo depois do Curitiba In Concert e do BIG, revelando uma surpreendente — em qualidade e quantidade — cena local e gerando os sélos One Hit e Bloody.

Enquanto isso, o underground porto-alegrense se reuniu, no bar Garagem Hermética, com o Lollapaloozinha. Em três noites, os vizinhos do bairro Bonfim ensurdeceram ao som de Graforréia Xilarmônica, Smog Fog, Aristóteles De Ananias Jr. e outros grupos alucinados. Entre eles o Assubék, nova banda da baterista Biba Meira.

Natal, Fortaleza, Salvador, Florianópolis, Manaus, Vitória... Cada canto da nação se agita e fermenta a nova geração do pop brasileiro. Otávio Rodrigues dá a ficha dos festivais de Brasília e São Luís e Carlos Eduardo Miranda levanta a bola dos outros.

SÃO LUÍS

Dias 13 e 14, São Luis Reggae Festival corre para virar o atraso da Jamaica Brasileira em matéria de grandes eventos, com uma lista de superstars que, se for confirmada, começa arrebatando, com ninguém menos que Bunny Wailer (o terceiro dos Wailers, ao lado de Marley e Tosh), mais Eric Donaldson (a histórica autor de "Cherry Oh Baby", gravada pelos Stones e UB40), Max Romeo (outro imortal) e, Jimmy Landon (desconhecido do mundo, mas ídolo no Maranhão) e, quem sabe, a Inner Circle (aquele do hit "Sweat (Sha La La La La Long)". Entre os representantes de nossa povo heróico, Tribo de Jah (claro), o baiano Edson Gomes e por aí vai. Tudo isso misturado com os sotaques do bumba-meu-boi e a pauleira das radiolas.

SALVADOR

No ano pós-fenômeno Daniela Mercury, o Fest'in Bahia — em sua terceira edição, que acontece de 26 a 29 de agôsto — dá um passo em direção à maioridade e a um projeto de virar um festival nacional, com ramificações no Rio e São Paulo.

Entre as atrações nacionais, dessa vez, além das tradicionais blocos Olodum, Araketu, Bê Aiyê e Muzenza, aposta em nomes emergentes da nova música pop brasileira como o Skank, Carlinhos Brown, o reggaeira baiano Dionorina (foto) e Chico Science & Nação Zumbi, que já assinaram com o selo Chaos, da Sony Music. Mais Ágbeokuta, Simone Moreno, Bruno Nunes — locais de Salvador — e Pepeu Gomes.

Na ala internacional vêm nomes de peso do pop étnico como Maxi Priest, Youssou N'Dour (com participação especial de João Bosco) e Shinehead.

Paralelamente acontecem workshops, apresentações folclóricas, simpósios, uma mostra de vídeos de world music e muito mais. O evento será transmitido ao vivo para os EUA através de três rádios. Estão sendo armados também pacotes turísticos para trazer interessados do mundo todo para encher o caro, tostar ao sol e swingar ao som do world music.

São Paulo e Rio serão testados para o futuro expansão do Fest'in Bahia, com shows de Maxi Priest, Shinehead, Youssou N'Dour e Carlinhos Brown. Maxi Priest também toca em Curitiba.

BELO HORIZONTE

O Rock Brasil organizado pela 98 FM, pode virar um marco histórico no rock brasileiro se confirmarem-se as planejadas participações de algumas das melhores bandas da nova safra — entre elas Raimundos e o pessoal do mangue de Recife — para abrirem shows de Titãs, Paralamas, Barão Vermelho e Skank. É o encontro definitivo dos veteranos com a nova geleia, neste festival que já foi ponto de lança no começo dos 80, andou meio desativado, mas volta com força total.

BRASÍLIA

O Brasil arrisca seus dias de Sonspleshi Dias 27, 28 e 29 de setembro, à sombra dos três poderes, rola o Brasília Reggae Beat, com o Cidade Negra, Walking Lions, o xaropeto Nobi Clifford, Mash ovo Roots (o brand new sensation do planalto), suas contorcionas Afrodisa e Roseta Matos & Akarajaze. Dependendo da elasticidade do rabo da anta, engrossam a lista pelo menos duas atrações internacionais: Roots Rock Society (um dos mais festejados grupos americanos do estilo, que tem o brasileiro Cláudio Peppe na percussão) e Papa Winnie, o rei do refrão.

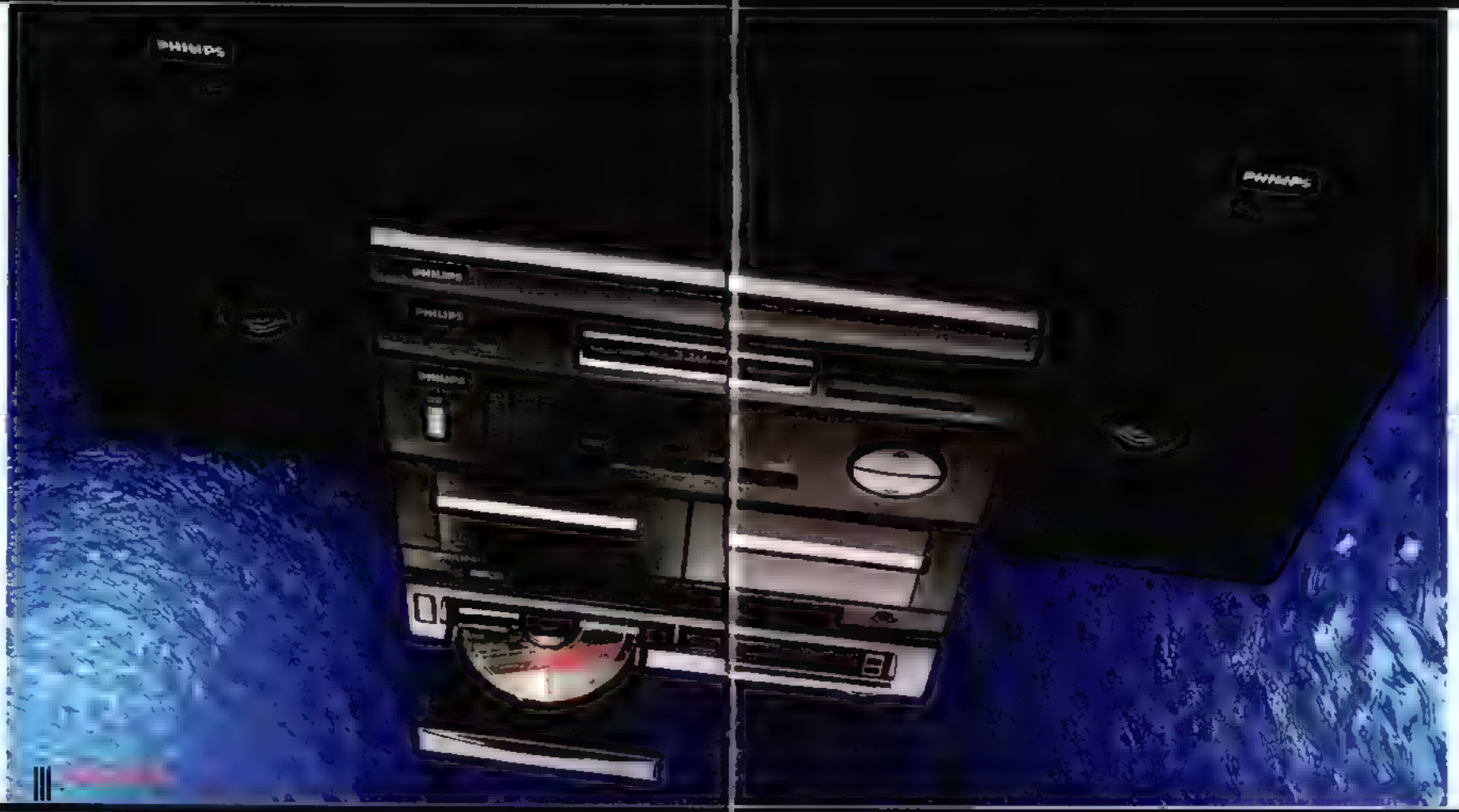
CAMPINAS

O festival Juntatribo é organizado pelo zine *Broken Strings* e pelo DCE da Unicamp e bota fogo no interior paulista. O negócio aqui é guitarra, com algumas das melhores bandas de rock do Brasil como Pin Ups (SP), Second Come (Rio), Low Dream (Brasília), Jolly Et Joe (Curitiba), Safari Hamburgers (Santos), os locais Mazzarelos (foto ao lado) e os quase Killing Chainsaw (da vizinha Pirocaba). Vai ter também mais uma renca de bandas legais, campeonato de skate, teatro, circo e o que der na telha.

PHILIPS POWERPLAY. MAIS FIEL AOS ASTROS DA MÚSICA MUNDIAL DO QUE SUAS PRÓPRIAS MULHERES.

MIDI SYSTEM
AS405

- 30 WATTS RMS (2x15W RMS IEC 10% DHT - 1dB)
- CONTROLE REMOTO
- DUPLO DECK
- FULL AUTO-STOP
- SINTONIA DIGITAL
- 20 MEMÓRIAS FM/AM
- LCD - DISPLAY DE CRISTAL LÍQUIDO
- EQUALIZADOR GRÁFICO DE 3 BANDAS
- DBB - DYNAMIC BASS BOOST
- HIGH SPEED COPY
- CONTINUOUS PLAY
- CD PLAYER (OPCIONAL)



MIDI SYSTEM
AS9004

(Produto Importado)

- 120 WATTS RMS (2 x 60W RMS IEC 10% DHT - 1 dB)
- CONTROLE REMOTO
- DUPLO DECK COM AUTO-REVERSE (DECK II), FULL AUTO-STOP
- CONTROLE DE VOLUME MOTORIZADO
- SINTONIA DIGITAL
- 40 MEMÓRIAS FM/AM
- CD PLAYER (OPCIONAL)

MIDI SYSTEM
FW3010

(Produto Importado)

- CONTROLE REMOTO
- COMPACT DISC COM MEMÓRIA PARA 24 FAIXAS
- ANALISADOR DE ESPECTRO TIPO FTD
- DUPLO DECK LOGICO AUTO-REVERSE
- EQUALIZADOR GRÁFICO PROGRAMAVEL E PRÉ-PROGRAMADO DE 7 BANDAS

POWERPLAY
PURE DIGITAL SOUND SYSTEMS
O SOM MUNDIAL DA PHILIPS

A TENDÊNCIA É PHILIPS.

PHILIPS

Muito além do Jovem Guarda

a história secreta
do rock brasileiro
por Ezequiel
Neves

Todo mundo da redação caiu para trás quando Fernando Rosa falou que aquela deliciosa gravação de "My Generation" era de uma banda paulistana. E mais, tinha sido realizada em 67! A sensação dominante foi que toda a nossa idéia do que era a história do rock brasileiro tinha que ser repensada a partir daí.

Essa sensação se transformou em certeza, quando o Fernando começou a mostrar discos de outras bandas brasileiras dos anos 60. Discos que ele tinha garimpado em sebos. Alguns com capas detonadas, vinil arranhado, mas ainda assim, tesouros que revelavam bandas como Os Baobás, Beat Boys, Liverpool, Som Beat, Os Aranhas, Os Minos, Colt 45 e um monte de outras.

As letras eram ingênuas. Os grupos, na maioria das vezes, já sofriam da triste mania brasileira de querer parecer "americano". Mas desmancharam aquela idéia que no Olimpo do rock'n'roll brasileiro, lá no alto mesmo, só tinha lugar para os Novos Bahianos, Raul Seixas, Rita Lee e os Mutantes, Joelho De Porco, Macalé, Getulio Cortez e poucos mais.

A descoberta mais surpreendente é a de que o rhythm'n'blues inglês dos Stones e dos Yardbirds e o som de garagem daquelas bandas americanas dos anos 60 – que tanto inspiram o rock 90 – tiveram seu equivalente no Brasil.

Como elas puderam ser esquecidas?

É urgente redescobrir esses grupos. A Baratos Afins saiu na frente e promete ainda para esse ano uma coletânea deles em CD, organizada pelo próprio Fernando Rosa. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

Em setembro de 66, mais de cinco mil bandas estavam inscritas no Primeiro Encontro Nacional Da Jovem Guarda, um festival promovido pelo próprio rei, Roberto Carlos. Apenas de São Paulo, inscreveram-se quase dois mil conjuntos e cantores, enquanto das classificatórias de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Guanabara vieram os demais três mil inscritos.

A grande quantidade de conjuntos inscritos no festival revelava a efervescência do rock que explodia nas garagens, além dos limites oficiais da Jovem Guarda. Apoiados em instrumentos rudimentares, arranjados de mil maneiras, detonavam um repertório de covers das bandas mais estranhas e radicais, tipo Blues Magoos, Music Machine, Electric Prunes, Yardbirds, Them etc.

"A explosão dos Beatles, introduzindo o vocal na música até então só instrumental fez surgir um conjunto em cada esquina de São Paulo", diz hoje Carlos Bogossian, o Bogô, legendário guitarrista dos Beatniks, banda suporte do programa Jovem Guarda, e uma das precursoras daquela ebulição.

A nova moda dos conjuntos que, além de tocar, cantavam tinha se estabelecido, deixando para trás a fase instrumental que dera grupos geniais: Avalons, Fenders, Hits, Jet Blacks, Jordans, Lunáticos, Silver Strings, Flashes e o Les Copains (que tinha o futuro secretário da Fazenda do Estado de SP, Frederico Mazuchelli, na guitarra).

"Era tudo garagem", diz Marcos Ficarelli, o Vermelho, guitarrista e vocalista do Loupha, a banda que venceu o Festival. Vermelho, atualmente é assessor de uma industria de bebidas em São Paulo.

As famosas domingueiras, em São Paulo apelidadas de "mingaus", espalhadas pelos clubes das grande capitais, principalmente foram o palco predileto das milhares de bandas que surgiam a cada dia.

O clube Pinheiros, com shows de grupos como Loupha, Sounds Five, Os Baobás, Código 90, Colt 45 e outros, comandou a primeira fase "garageira" em São Paulo. Havia ainda as boates da Augusta, na Alameda Lorena e todos os clubes do litoral paulista, que serviam de espaço para a rapaziada ter os seus quinze minutos de farra e fama. E tinha também as quermesses, festinhas de quinze anos nas casas de família, os cinemas dos bairros aos domingos pela manhã e as festas em colégios e igrejas.

Além de todos os limites da então – sem dúvida – mais roqueira cidade do país, aquele novo som/modo de viver espalhava-se para todos os demais estados do país, logrando em produzir milhares de bandas – que em sua grande maioria acabaram esquecidas pela história do rock nacional.

No Rio de Janeiro, bandas como os Analfabitles, The Brazilian Bitles, os rivais The Brazilian Rolling Stones, Cugar, Os Cambais, os legendários The Bubbles (depois A Bolha) e Os Santos, da Vila Isabel, destacavam-se animando as domingueiras. "Elas eram tipo meio show-meio baile, que juntava milhares de jovens", diz o guitarrista Sérgio Hinds, do grupo O Terço, que integrou as bandas Joint Stock Co., Hot Dogs e Os Libertos, na década de 60.

Em Salvador, Os Minos, primeira banda do ainda contrabaixista Pepeu Gomes e do irmão Jorginho, então com catorze e onze anos, respectivamente, incendiavam os bailinhos da terra de Caymmi. Mais velhinhos e sacanas, Raulzito E Os Panteras já cantavam "Lucy In The Sky With Diamonds".

Já no Rio Grande do Sul, além dos Cleans que ficaram logo atrás do Loupha no festival pontavam Os Brasas, de Franco e Luiz Vagner (aquele mesmo, do samba-reggae) e o ultrapsicodélico Liverpool – que depois, nos anos 70, se transformaria no Bixo Da Seda.

E nas Gerais, que conquistara o primeiro lugar entre os cantores naquele festival, com Vic Barone, os Brazilian Boys, empunhando três guitarras, detonavam uma antológica cover de "I'm Down", dos Beatles, em 66. The Jungle Cats gravaram a versão de "It's No Use" ("Sapato Novo") dos Byrds.

Em Brasília, em pleno 67, Os Primitivos gravavam "Pegue Um Ita No Norte", de Dorival Caymmi, com levada psicodélica, antecipando-se em quase três décadas aos atuais Raimundos e seu forrocore. A maioria das bandas com nomes em inglês – e cantando e compondo na mesma língua – esforçava-se em fazer o som mais potente

"O repertório da gente, além de tudo dos Beatles, era Kinks, Blues Magoos, Yardbirds, Music Machine, Byrds, Paul Revere And The Raiders, Doors e por aí afora...", contam ex-integrantes do grupo Os Baobás

A Fase Hendrix

"A gente jogava bolinha de gude para os cavalos caírem nas passeatas e depois ia tocar para a molecada", lembra o ex-guitarrista do Som Beat, Aroldo Santarosa, falando daqueles tempos contraditórios, quando as coisas ainda não tinham começado a degringolar, por volta de 68.

Foi por esta época que, também, De Kalafe (a cantora descalça) e a Turma (do hoje radialista Arnaldo Sacomani) cantavam "Guerra" e "Mundo Quadrado", protestando contra a ameaça nuclear, a guerra do Vietnã, a ditadura e "os caretas".

A partir de 68, entra em vigor "a fase Hendrix", como define Carlos Eduardo Aun, ou Tuca, ex-guitarrista dos Lunáticos, Galaxy, Os Baobás, Código 90, Kompha e Sunday. Hoje, Aun é dentista e catedrático da USP.

Com a psicodelia a toda cor, o auditório da Folha de S Paulo era palco de grandes agitos, desde 65, promovidos pelo hoje famoso artista plástico Antônio Peticov. Quem viu/ouviu jamais esqueceu as apresentações do Sic Sunt Res, por exemplo, banda de Bogô (ex-Beatniks) e Baixinho (depois dos Novos Baianos), tocando coisas como "Time Has Come Today", dos Chambers Brothers, clássico do *acid rock*, ou "Hole In My Shoes", do Traffic.

A loja de posters de Peticov – a Posters Shop, na Augusta, que produzia cartazes e capas de discos para as bandas – era um dos centros irradiadores do pop paulistano.

Assim como roupas extravagantes e acessórios idem, o repertório das bandas fugia completamente do convencional, em nada devendo às ousadas iniciativas atuais.

Bandas como Os Baobás e os Beatniks, iniciaram tocando Beatles e Rolling Stones, mas incluíam inimagináveis preciosidades nas *set lists*. "O repertório da gente, além de tudo dos Beatles, era Kinks, Blues Magoos, Yardbirds, Music Machine, Byrds, Paul Revere And The Raiders, Doors e por aí afora... ", contam Ricardo Contins e Jorge Pagura, ex guitarrista e baterista d'Os Baobás. Contins é atualmente empresário, e Pagura um neurocirurgião do Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Segundo Vermelho, o repertório do Loupha era Sorrows, Kinks, Young Rascals e Lovin' Spoonful. E, para não deixar dúvidas, todos eles lançam mão de arquivos cuidadosamente guardados para exibir os álbuns originais de bandas semi-obscuras dos anos 60.

A origem de tantas preciosidades varia. O pai de Ricardo Contins (Os Baobás), por exemplo, era comandante da aviação Real e Ricardo viajava para os EUA trazendo os lançamentos quentinhos, em sua maioria jamais distribuídos no país.

Vermelho ganhou uma caixa com dezenas de compactos do radialista Sossego, contendo clássicos das bandas inglesas e americanas. Sossego, como era mais conhecido o radialista Carlos Alberto Lopes, foi um dos mais destacados incentivadores do rock no Brasil, desde os anos 50, divulgando lançamentos originais e dando apoio técnico na parte instrumental e de som para as bandas.

O Som Beat – "os Yardbirds da época", segundo o guitarrista Marcelo Caggiano, integrante dos Mustangs que tinha entre seus membros o filho do ministro Gama e Silva (governo Costa e Silva), o Gaminha – teve a força de Sossego, na sua melhor formação, produção e repertório. Ele produziu as canções "Nobody But Me" e "Comin' Up", que gravaram na Itália, em meados de 70.

Infelizmente, muita pouca coisa desta época ficou registrada em vinil, mas o que existe, ainda que de difícil acesso, é suficiente para mostrar a garra e a paixão que os *rockers* da época sangravam nas cordas das guitarras.

Além dos inevitáveis e maravilhosos covers, uma grande quantidade de canções originais aguardam ser descobertas como clássicas de sua época. "Bye Bye, My Darling" e "Down Down", de Ricardo Contins, d'Os Baobás, são petardos punks, dignos de integrar as melhores coletâneas como *Nuggets* ou *Pebbles*.

Os Beat Boys, de curta passagem pelas plagas paulistanas e mais ligados ao Tropicalismo, também deixaram pelo menos três gemas psicodélicas – "Abrigo De Palavras Em Caixas Do Céu", "Abre, Sou Eu" e "Torta de Morangos" – , as duas primeiras, mais "Wake Me Shake Me", editadas numa coletânea espanhola de rock dos anos 60.

"A rua Augusta, em São Paulo, não devia nada para Londres e não tinha produção tipo Mauricinho", relembra o vocalista Vermelho, o Edu K da época

Na lista dos covers, são brilhantes "Paint It Black" (dos Stones, chamada "Pintada De Preto"), com Os Baobás, "Gloria" (do Them), com Os Aranhas, "Gimme Some Lovin' " (Spencer Davis Group), com o Colt 45, "Hello, I Love You" (The Doors), com Os Mustangs, "Fire" (Jimi Hendrix), com os Beatniks, e "My Generation" (The Who), com o Som Beat - todas de 67/68. E "Light My Fire", com Os Baobás (Liminha no baixo e lançada no Brasil antes do original dos Doors), "Lady Madonna" (dos Beatles), com Os Mutantes, "Well Alright" (de Buddy Holly), com o Sunday, e "(I Can't Get No) Satisfaction" (dos Stones), com o Watt 69, as duas primeiras de 67/68 e as outras duas de 70/71, respectivamente.

Naquela época, "a música era mais do que um ritmo, era energia, alternativa para as coisas – prometia outra dimensão", diz Rafael Vilardi, um dos melhores guitarristas dos anos 60, integrante do grupo O'Seis, ao lado de Arnaldo Baptista, Serginho e Rita Lee, e atualmente empresário de importações.

"A rua Augusta, em São Paulo, não devia nada para Londres, e não tinha produção tipo Mauricinho", diz hoje Vermelho, espécie de proto-Edu K, afeito a *happenings* tipo apresentar-se vestido de mendigo nos shows.

O TESOURO PERDIDO

SOM BEAT O grupo em sua melhor formação tinha Aroldo (guitarra solo), Fafá (guitarra base), Norival (bateria) e Carlinhos (baixo). Iniciou tocando nas docas de Santos, por volta de 65 e gravou o primeiro e único compacto pela RCA Victor, em 67, com as músicas "My Generation" e "Sou Tímido Assim" (uma versão de "Listen People", dos Herman's Hermits). Chegaram a acompanhar de Gal Costa.

THE BRAZILIAN BEATLES Com as docas, "Os Beatles Brasileiros" ganharam fama com a gravação de "Gata", cover de "Wild Thing", hit dos Troggs e de Hendrix e deixaram três álbuns.

OS BAOBÁS Uma das melhores bandas dos anos 60, teve seis formações diferentes, cinco compactos e um álbum, ao longo de seus quatro anos de vida – de 65 a 68. Originalmente chamados de Rubber Souls. Com a formação original – Ricardo Contins (guitarra), Jorge Pagura (bateria), Carlos (baixo), Renato (guitarra solo) e Arquimedes (pandeiro) –, gravaram o primeiro compacto pela Mocambo/Rozemblit com "Pintada De Preto" (versão de "Paint It Black", dos Rolling Stones) e "Bye Bye My Darling". Pela banda passaram o Tico Terpins (Joelho de Porco) e Liminha (Mutantes, hoje produtor). Antes mais beat/punk, com covers dos Stones, dos Animals e dos Kinks, aderiram no final à psicodelia, gravando Love, The Doors e Jimi Hendrix. Acompanharam Ronnie Von e Caetano Veloso na TV e em shows.

LOUPHA Antes de ganhar o Primeiro Encontro Nacional Da Jovem Guarda, em 66, o grupo agitava as domingueiras do clube Pinheiros, onde estrearam com "You Really Got Me", dos Kinks. Era formado por Marcos Ficarelli, o Vermelho (guitarra solo/ cantor), Vitor Malzone (baixo), Euzébio Mattoso (guitarra base) e Herminio (bateria). Chegaram a tocar por uns tempos com Caetano e Gilberto Gil. Usavam roupas extravagantes, tipo calças listradas de várias cores, casacos e sapatos com babados. Infelizmente, afora os shows da Record, nada deles ficou gravado.

BEATNIKS Os Beatniks estrearam com este nome na primeira apresentação de Roberto Carlos em São Paulo. Eram formados originalmente, por volta de 65, por Bogô (ex-Danny, Chester & Ginny – ele e as irmãs Rita e Virginia Lee), Nino e Nenê (ex-Rebelds) e Márcio. Influenciados pelos Shadows, deixaram três compactos gemais, com covers e versões como "Gloria", "Fire" e "Era Um Rapaz Que Como Eu Amava Os Beatles E Os Rollings Stones".

O'SEIS Uma mistura de Six Sided Rockers (Rafael/Arnaldo Dias Batista/Claudio/Pastura), com os Wooden Faces (Rafael/Arnaldo/Tobé/Robertinho/Sergio Orlando), mais as Teenager Singers (Rita Lee/Suely/Susy) deu em O'Seis, o lendário pré-Mutantes – o nome era um trocadilho com "ocêis", o "você" caipira. Gravaram um antológico compacto pela gravadora Continental, contendo as músicas "O Suicida" e "Apocalipse".

OS MINOS Primeiro conjunto de Pepeu e Jorginho Gomes, depois A Cor Do Som e os Novos Baianos. Seus membros tinham na época menos de catorze anos, sendo Pepeu, então baixista, o mais velho deles. O grupo chegou a gravar dois compactos pela Copacabana.

COLT 45 Com Marcos Maynard (guitarra, atualmente diretor geral da PolyGram no Brasil), Dudu França (bateria/vocal), Zeca (baixo), Can (guitarra/órgão) e Xilo (guitarra solo), o Colt 45 destacou-se nos ringaus do Pinheiros e depois no Círculo Militar. Tiveram um compacto pela gravadora Chantecler, de 67, com covers de "Gimme Some Lovin' " e "I've Been Loving You Too Long".

BEAT BOYS Banda argentino-paulistana, que ficou famosa por acompanhar Caetano em "Alegria, Alegria", no festival da Record. Era formada por Cacho Valdez (guitarra), Willy Werdaguer (baixo), Tony Osanah (vocal/pandeiro), Marcelo (bateria), Tovo (segundo baixo/teclados) e Daniel (guitarra). Gravaram um compacto: "Abre Sou Eu"/"Canudinho" (Bonnie Morinne) e um álbum homônimo, pela RCA Victor, em 68.

OS CANIBAIS Conjunto carioca, que ganhou fama na gravação do compacto "Gina". Depois, ainda lançaram outros compactos e até mesmo um excelente álbum.

ANALFABITLES Uma das lendas do rock carioca e brasileiro, é também das bandas mais veneradas e misteriosas em matéria de informação. Sabe-se que o grupo deixou gravado pelo menos um compacto simples na RCA Victor (em 68), com covers de "Sunnyside Up" e "She's My Girl". Tinham um som tipo Beatles, como sugere o nome, mas com vocais mais puxados para Stones/Them.

LIVERPOOL Formado em Porto Alegre, o Liverpool iniciou tocando Rolling Stones, mas acabou na psicodelia, regada a The Almann Brothers e Santana, no final dos anos 70. Um dos melhores grupos da época, com um clássico álbum (selo Equipe).

AMEBA Originalmente formada por Claudio Condé, Sergio Lopes, Luis Carlos Maluly e Marco Bissi, a banda Ameba, juntou-se com Marcos Maynard, saído do Memphis. Depois mudaram o nome para Lee Jackson (aquele do "samba rock").

OS ARANHAS Paulistanos, Os Aranhas foram os primeiros no país a gravar "Gloria" (Them), em 67. *A la* Troggs, com guitarras pesadas, a versão é genial. Deixaram pelo menos três compactos, incluindo uma versão de "California Dreamin' ", pelo selo Copacabana.

THE BUBBLES Depois, A Bolha. Foi uma das lendas do rock de garagem carioca. Em 66, gravaram o compacto "Não Vou Cortar o Cabelo" ("Break It All", dos Shakers) e "Porque Sou Tão Feio" ("Get Off Of My Cloud", dos Stones), pela Musidisc. Teve diversas formações, a primeira com os irmãos Renato e Cezar Fronzi Ladeira. Por ela passaram também Arnaldo Brandão, Marcelo Susselkind e Gustavo Stroeter.

MUSTANGS Origem do Sunday, os Mustangs surgiram por volta de 67. Deixaram vários compactos gravados, pela RCA Victor, entre 67 e 69, com covers de "Indian Giver", "Proud Mary" e "Hello, I Love You", entre outras.

SUNDAY Espécie de supergrupo, com várias formações. Entre seus compactos, gravaram "Well Alright", "I'm A Bad Bad Boy", "Sit Down" e "Rain".

OS MEGATONS Ligados à Jovem Guarda (gravaram "O Tijolinho", com Bobby Di Carlo), Os Megatons – de Wagner Bennatti (que nos anos 80, integrou o Cokeluxe) e Primo Mareschi – eram autores de letras inteligentes e hilárias, como "Meu Machucadinho" e "Tarzan" (igual aos Titãs, vinte anos antes), em um álbum e dois compactos.

WATT 69 Tinha o guitarrista Luis Carlos Maluly. Seu álbum (Continental) tinha covers de "(I Can't Get No) Satisfaction", "Wild World" (de Cat Stevens) e "Oye Como Va" (de Santana).

MEMPHIS Teve Wander Taffo na guitarra, Dudu França (bateria e vocal), Carlos Marques (teclados/sax), o baixista Nescau (ex-Os Baobás) e Marcos Maynard (ex-Colt 45). Tinham compactos com canções próprias em inglês.

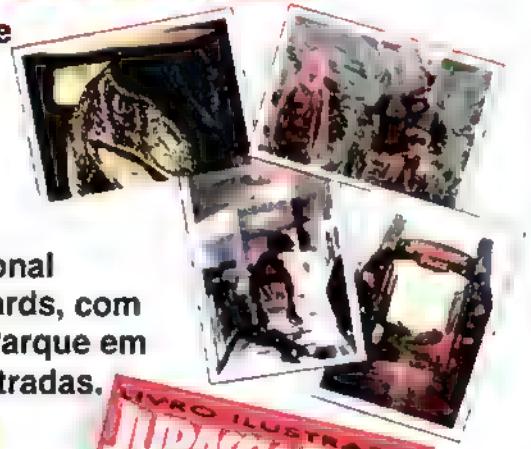
OS LIBERTOS Os Santíssima Trindade, depois O Terço. Agitavam as domingueiras do Rio de Janeiro, já com a formação original do grupo O Terço – Hinds/Amiden/Vinicius Cantuária.

OS BRASAS Gaúchos, Os Brasas aportaram em São Paulo e alcançaram algum sucesso com a versão punk de "Pancho Lopes". Gravaram um álbum e vários compactos, incluindo a versão de "When Loves Comin' Knocking" (Sedaka/King). Contavam com Luiz Vagner, que depois fez carreira solo.

JURASSIC PARK
parque dos dinossauros

O FILME MAIS ESPETACULAR DOS ÚLTIMOS TEMPOS, AGORA EM FIGURINHAS E CARDS PRA VOCÊ COLECIONAR!

As mais fantásticas cenas do filme em 80 figurinhas autocolantes.



E MAIS!
Uma sensacional coleção de cards, com detalhes do Parque em 40 fichas ilustradas.

GRÁTIS!
1 PÔSTER-MAPA DO PARQUE E 1 ESTOJO PRA VOCÊ MONTAR E GUARDAR OS SEUS CARDS

Abril Panini

Nas bancas

2 FIGURINHAS AUTOCOLANTES NÃO REPETIDAS + 1 CARD EM CADA ENVELOPE

TM & © 1992 UNIVERSAL CITY STUDIOS, INC. & AMBLIN ENTERTAINMENT, INC.

Rui Mendes

ROCK'N'ROLL É ISSO

Que o Viper é a segunda maior banda de metal do Brasil, você já sabe. Mas garantimos que você não sabia dos bacanais orientais e comas alcoólicas que rolaram na sua primeira grande turnê internacional. Ângelo Ishii conta a passagem do Viper por Nagasaki. Em São Paulo, a banda relembra para Robert Halfoun as baixarias violentas da viagem – que só a BIZZ teria a coragem de publicar!

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas..." No palco, uma bandeira brasileira. Mas que música é essa?? Os novecentos japoneses que foram ao Kouraku Titta – que é como eles chamam o Club Cittá, de Kawasaki – mal podiam imaginar que a abertura do show da banda Viper era nada menos do que uma versão heavy metal do "Hino Nacional Brasileiro".

Se a brincadeira fosse feita com a bandeira e o hino nipônico, o grupo a esta hora já estaria atrás das grades. Nesta terra, brincar com os símbolos nacionais dá cadeia.

Pouco importa que a japonesada não tivesse entendido a mensagem do Viper. Ninguém ligou também para o atraso de vinte minutos (no Japão até os artistas são pontuais!) do show. Ao final, o grupo se deu ao luxo de atender aos sucessivos ankoro (bis). Enquanto isso, o diretor da seção de músicas ocidentais da gravadora JVC, Seigo Horiuchi, calculava os lucros da turnê.

É bem verdade que o público não foi suficiente para lotar o Cittá, uma das five houses mais badaladas da região de Toquio. No show de estréia na cidade de Osaka foram menos: apenas quatrocentas pessoas. Mas Horiuchi ressalta que reunir tal público foi uma façanha tendo em vista a época de recessão econômica que o Japão está atravessando – principalmente se fosse considerado que cada ingresso custava a bagatela de 5.650 ienes (um dólar vale hoje algo em torno de 140 ienes).

Que tipo de gente foi ouvir o Viper no Japão? Alguns desfilavam com camisetas do Guns N'Roses, Bon Jovi e outras bandas apreciadas no Japão. Outros estavam de terno e gravata e carregavam pastas de executivo.

Havia até "japoneses" sem camisa. Por que as aspas? Descobriu-se depois que eles não eram japoneses de verdade, mas sim brasileiros! Sete dos fãs mais agitados no show eram na verdade de origem brasileira, descendentes de japoneses trabalhando no Japão.

Edson Kiyoshi Yoshitomi, de dezenove anos, faltou ao serviço para ver ao show. "Primeiro vem o rock'n'roll, depois o resto", justifica-se. Ele viajou quatro horas para chegar ao Club Cittá e nem sabia se conseguiria pegar o último trem para voltar à província de Gunma, onde trabalha em uma fábrica.

Júlio Luis Roberto Takao Kunamoto e Richard Rodrigues Ogawa, ambos de dezenove anos, viram o anúncio do show em uma revista japonesa de música. Mesmo sem ler japonês, eles conseguiram decifrar a maneira de comprar o bilhete antecipadamente e foram os primeiros a chegar ao local. Como fãs ardorosos e bons brasileiros, eles não se esqueceram de arrancar os cartazes da Viper pregados na entrada do Cittá, para inveja dos seus colegas nipônicos.

O que chamou a atenção foi a faixa etária deste pessoal. "O som agressivo deles conseguiu cativar principalmente os jovens", teoriza o funcionário de uma loja de CDs, Makoto Harada, de 23 anos, e que integrava a equipe de organização do show. A afirmação dele pôde ser constatada não só na platéia, mas no balcão de vendas dos Viper goods (artigos de merchandising) instalado na entrada do Cittá.

Quando cheguei lá, quinze minutos antes do início do show, as 140 camisetas (ao preço de três mil e quinhentos ienes) e saias (cinco mil ienes) do Viper já estavam esgotadas. Maiko Shida e Miho Yamaguti, de vinte anos, fãs ardorosas do Viper, comentaram que quando as bandas estrangeiras vêm ao Japão, geralmente a maioria do público é de garotas, que não entendem nada de música e só se importam com o visual dos cantores. No caso do Viper, a maioria é homem. "Esse pessoal não veio aqui para ver se os cantores são bonitos. Eles vieram porque gostam do som da banda", explicou Miho.

Foi o caso do estudante Akio Yoshida, de vinte anos, que vibrou ao ouvir "Soldiers Of Sunrise" pela primeira vez em um programa de rádio FM. Já o universitário Masaharu Narita, 22, arrou-se fã a partir do segundo álbum. "Os críticos da revista de rock que eu sempre leio estavam elogiando o som da banda. Comprei, ouvi e adorei."

E o show? "Foi o máximo."

O público japonês que venera Gilberto Gil e Milton Nascimento sabe que eles são brasileiros. Os fãs do Viper, nem sempre. "Até nos confundiram com alemães", conta o baterista Renato. Como comentou Yukari Kato, encarregada de vender os CDs na entrada do Citta, "não importa se é brasileiro ou chinês, se for bom, o público gosta". Moral: os japoneses acabaram gostando do Viper não porque eles eram brasileiros, mas por causa deles mesmo.

O dia seguinte ao show foi inteiramente dedicado a entrevistas para rádios e revistas especializadas em música. Ao final da maratona, os integrantes do Viper contaram o que sentiram em sua primeira visita ao Japão.

Que tal o público japonês?

YVES PASSAREL No Brasil, há o pessoal que diz "japonês não aplaude, só fica sentado". A gente viu a maior galera louca, pulando... Tinha até um japonês de cabelo loiro, em estilo moicano, que deu um pulo no palco. Esta foi a nossa primeira turnê e o público já vibrou tanto!

E quanto à organização do show?

FELIPE MACHADO Tivemos uma infra-estrutura legal. Gostamos bastante da organização do show. No Japão tudo é muito profissional.

Afinal de contas, como foi que surgiu a oportunidade de vocês se lançarem dessa maneira no mercado japonês?

RENATO GRACCIA Quando a gente lançou o *Theater Of Fate*, nós mandamos os discos para fanzines do mundo inteiro, inclusive para o Japão. Mandamos apenas por mandar, sem maiores pretensões. Mas então, a dona de um fanzine japonês, Kei Takahashi, gostou do nosso som e enviou o disco para um empresário alemão. Foi ele que contatou a gente no Brasil. Depois de aproximadamente seis meses de negociações, nós acertamos tudo com a gravadora JVC (Victor).

"AINDA NÃO ACHAMOS UMA EXPLICAÇÃO LÓGICA PARA O SUCESSO QUE FAZEMOS NO JAPÃO. TEMOS ATÉ FÃ-CLUBE AQUI EM TÓQUIO."

Vocês têm fãs bastante dedicados...

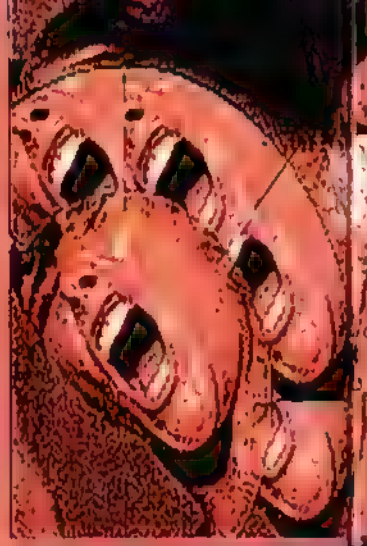
RENATO GRACCIA Ontem de manhã, ao descer ao hall do hotel em Osaka, estavam lá duas meninas esperando para pedir autógrafos. Elas nos deram uma camiseta. Eu coloquei-a e uma das meninas começou a tremer e a chorar de alegria. Elas eram do fã-clube japonês do Viper e até sabiam a data do meu aniversário, que era no dia seguinte. Me deram um cartão chiquérrimo.

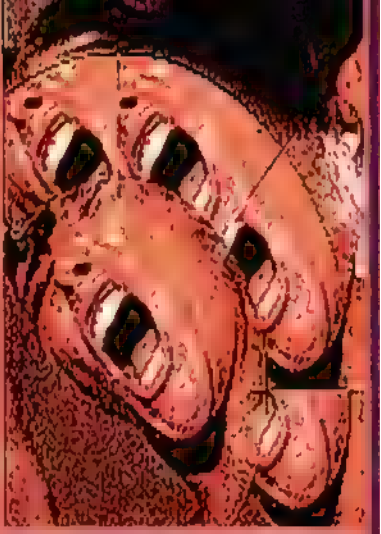
Nos CDs vendidos no Japão, a música de vocês foi anunciada como *melody power metal*. Mas um dos fãs comentou que o som é agressivo.

RENATO GRACCIA Essa definição não é nossa, foram os japoneses que inventaram. Talvez porque nosso som não parece muito com o heavy metal ou o rock tradicional. A gente está em uma trilha original no *Evolution*. Este álbum saiu como a gente queria. Não é agressivo, é energético. Mas ainda não achei uma explicação lógica para termos dado tão certo no Japão. Talvez seja porque Tóquio é tão parecido com São Paulo...

ORGIAS HUNGARAS, AMNÉSIA ALCOÓLICA, PUTAS ORIENTAIS:

as podreiras da turnê





"Os shows foram legais. Mas as baladas muito melhores. A gente nunca se divertiu e bebeu tanto. Nessa turnê entramos fundo na onda "sexo, álcool e rock'n'roll". Não dá nem para falar certinho as datas e os locais, porque quando não estávamos chapados, nós não entendíamos direito os nomes das cidades.

Na Europa começamos no dia 7 de maio, em Sttutgart. Mas foi na Hungria que vivemos as farras mais radicais da vida. A gente se apresentava com um grupo de lá – Omen – e os caras eram muito alucinados. Principalmente um deles que não sabíamos se era *roadie* ou o quê e o apelidamos de "Trafi" (o cara traficava muamba e comia melecas no café da manhã). Mais tarde descobrimos que a função dele era apenas fazer bagunça e descolar as baladas

Terminado o primeiro show, já tínhamos tomado todas e depois fomos para um restaurante todo arrumadinho. Antes de chegar a comida, os caras apostaram que o "Trafi" ia tirar a roupa ali mesmo, subir na mesa e fazer sexo oral no próprio pau. É claro, entramos na aposta. O cara tirou a calça, subiu na mesa, o restaurante cheio, jogou as pernas pra cima e... fez! Quase não acreditamos. Era uma cena horrível. Fomos expulsos do restaurante.

No outro dia, não sei nem em que país, o Yves, tinha arrumado uma mina e deu um jeito de transar com ela tranqüilo, sozinho num quarto. Depois que terminou, os caras chegaram junto dele e disseram que lá o negócio era o seguinte: depois que comeu tem que liberar para a galera. A mina quis e ele liberou.

A gente já estava dormindo (os dias tinham sido muito cansativos), quando começaram a bater na porta e convidaram a banda toda para participar da festa. Festa? Estavam todos os húngaros no quarto do "Trafi", que fazia sexo oral na garota, enquanto ela chupava um outro e o resto se masturbava em cima dela. Era uma puta suruba. Tinha porra para todo o lado, parecia que tínhamos entrado num filme B de sacanagem. As garotas da platéia eram muito fáceis e todo dia tinha "festa" nos quartos. O Felipe e o Renato sempre ficavam de fora. Eles têm namoradas no Brasil.

Mais alguns dias de farra e o "Trafi" ainda continuava comendo meleca no café. Nós estávamos em Eger, uma cidade tradicional por causa do excelente vinho e assim que chegamos fomos para um bar experimentar. Bebemos tanto que nem passamos o som e fizemos o show completamente chapados (o maior porre da viagem). Foi muito divertido e trágico mais tarde.

A caminho de outra cidade, já no *tour bus*, nós dormíamos quando acordamos com um cheiro ruim para caralho. Fomos na cama do Renato e ele tinha vomitado dormindo.

"AÍ O CARA SUBIU NA MESA E FEZ SEXO ORAL NELE MESMO..."

Tinha vômito até no teto do ônibus. Ele tava deitado e podia ter morrido asfixiado com o próprio nojo. Foi horrível!

Em Visbadden, o Felipe e o Franke do Kreator quase se meteram na maior fria. Eles estavam no orelhão tentando ligar para o Brasil e o telefone engoliu as moedas. Eles ficaram muito putos e quebraram completamente a cabine. Depois eles tiveram que fugir da polícia que uns babacas que estavam perto chamaram.

No Japão a gente era muito paparicado. Os *managers* ficavam tomando conta da gente, sempre marcando em cima.

Era bom, mas de certa forma enchia o saco. Em compensação era cada hotelzão (com cada um em quarto individual) que dá até saudade. Depois que voltávamos dos shows e trazíamos todas as cervejas do camarim (lá cada uma custa dez dólares) fingíamos que iamos ficar no hotel e quando os caras saíam, caíamos na maior farra nas ruas de Tóquio.

Nas cabines telefônicas a gente sempre encontrava vários folhetos com números e fotos das putas orientais. Sem falar numa certa noite, quando descobrimos um inferninho para gringos e japas, onde se falava inglês e encontrava-se várias modelos brasileiras (maravilhosas!)

A gente tirou uma casquinha, claro."

Componentes Shimano

[illegible]

Protetor de Câmbio

[illegible]

Freios Cantilever

[illegible]

LINHA MOUNTAIN MONARK

VOCÊ TEM QUE PASSAR
PELO PURGATÓRIO PARA
CHEGAR AO PARAISO.

monark

VOCÊ
CHEGA LÁ.

CIRCO CULTURAL

O Lollapalooza acabou virando o maior festival de música do mundo. Mas é a música que é o que interessa – continua interessando? O big business devorou o submundo, ou foi o underground que virou um grande negócio? Uma camiseta vale trinta dólares? André Barcinski foi a Chicago conferir o Lollapalooza 93 e responde

Fotos: André Barcinski / Ilustração: Eli Sumiez

LOLLAPALOOZA

O SHOW

A esta altura do campeonato, todo mundo já sabe mais ou menos o que é o Lollapalooza: um festival supostamente alternativo, que reúne anualmente oito bandas em uma excursão que dura dois meses por Estados Unidos e Canadá, com um público total estimado em um milhão de pessoas.

O que nem todo mundo sabe é que desse milhão, 950 mil são jovens classe média alta que pagaram 30 dólares por um ingresso e pelo direito de se vestir que nem revoltados. Coisa que eles não podem fazer em casa, sob pena de ser expulsos pelos pais.

Os outros 50 mil estão divididos entre os tradicionais vendedores de sanduíche natural, membros de entidades ecológicas e ativistas pela legalização da maconha. Sem ter nada melhor para fazer nas férias, excursionam junto com o festival promovendo suas inutilidades e faturando à custa de muita ricota.

No World Amphitheater, em um subúrbio de Chicago, quem está lucrando mais é um vendedor de limonada "saudável". O calor de 32 graus e a umidade provocam filas dignas da Previdência Social em frente à barraquinha do líquido milagroso.

O ar está impregnado com o mesmo espírito *teen* daquelas passeatas pró-impeachment. A impressão que se tem é de que a molecada passou cinco horas na frente do espelho, escolhendo a roupa ideal para aparecer o mais mulambento possível. Calças rasgadas, bandanas na cabeça à la Cazuza, botas de couro. Tudo é falsamente radical. Talvez como o próprio Lollapalooza.

Alternativo, o festival não é. Todas as bandas participantes estão nas mãos de grandes gravadoras. Uma camiseta do Lollapalooza custa trinta dólares, um absurdo. Na platéia, supostos fãs de música anticonvencional exibem camisetas do Guns'n'Roses e do Grateful Dead, duas das instituições mais conservadoras da história da humanidade.

Na teoria, a idéia é muito boa: reunir grupos, viajar de ônibus, tocar em lugares afastados uma hora dos grandes centros urbanos. No primeiro ano foi muito bom, e no ano passado a escalação foi abençoada: teve Ministry, Jesus & Mary Chain, Soundgarden e Chili Peppers. Para quem gosta de acender isqueiro, teve o Pearl Jam cantando "Jeremy". Este ano, ninguém pisou na bola. A idéia de um festival alternativo itinerante acabou sendo mais interessante do que os fãs presentes... E infelizmente, do que as bandas.

Por causa das críticas à "grungelização" do festival do ano passado, o Lollapalooza quis escalar bandas que abrangessem estilos variados. Por isso chamaram grupos de heavy-rap (Rage Against the Machine), tecnho (Front 242), rap (Arrested Development), funk-metal (Primus e Fishbone) e heavy metal (Alice in Chains), além de alguns queridinhos do underground, como Babes in Toyland e Dinosaur Jr. O resultado foi uma confusão.

O primeiro a subir no palco foi o Rage Against the Machine. São quatro caras de Los Angeles, metidos a ativistas políticos. Nada contra, é de se admirar pessoas que levam política a sério. O problema é quando tentam dar lição de moral, como se todas as pessoas que não estão nem aí para o problema dos desdentados do Sudão fossem uns idiotas.

Se o RATM se limitasse a detonar sua ótima mistura de heavy, industrialismo e rap, teria sido uma experiência memorável. Mas não, a banda tem que mostrar a que veio, afinal na platéia estão os Lindberghs Farias da vida. "Vamos nos unir e acabar com a miséria! Vamos tirar nossas tropas da Somália!", gritava o vocalista Zach de La Rocha, para uma platéia que achava que Somália era uma doença contagiosa.

Como esperado, o panfletarismo deu certo e a galera delirou. Como o Nine Inch Nails e Henry Rollins, em 91, e o Ministry, no ano passado, o Rage Against the Machine foi o campeão do ano.

Mas só para o resto do público. Se eu tivesse que votar, seria Babes in Toyland na cabeça. O trio de meninas sofreu com o tamanho babilônico do palco, mas deu o recado com raiva. Nota oito.

Depois foi a vez da palhaçada do século, o Front 242. Até que eu respeitava os caras. Nunca deu para curtir muito o som, mas o visual parecia "cool", bem típico de cidades industrializadas da Europa. Mas deu uma louca nas figuras e eles subiram ao palco parecendo o Village People, com uns shortinhos de chacrete enfiados no okotó e presença de palco aeróbica. Me lembrou o "Verão Vivo" do Luciano do Valle, com um monte de musculosos dançando no palco e milhares de seres estupefatos em volta. Pelo menos foi engraçado.

A banda seguinte, Arrested Development, agradou. O vocalista Speech, entre um e outro discurso sobre "união das raças" e "amor entre irmãos", soltou os hits "Tennessee" e "People Everyday" e a galera deixou cair. O bole-bole, o telecoteco e o balacobaco tomaram conta do lugar.

Agora tem uma coisa: eu quero o emprego daquele coroa barbudo e simpático do Arrested Development! O cara passa o show inteiro sentado num banquinho, parecendo o Tio Barnabé, e não faz nada. Perto dele, o tocador de chocalho do Happy Mondays e um "workaholic".

A alegria contagiante do show do Arrested não se repetiu durante a apresentação do Fishbone. Apesar de sua música sungada, ideal para levantar a massa, o som embolado atrapalhou, e ninguém se ligou muito. O grupo bem que tentou incentivar, dando uns *stage-dives* acrobáticos, mas não adiantou.

Agora, chato mesmo foi o Dinosaur Jr. A banda tem uma presença de palco digna do garoto da bolha de plástico e não fala um "oi" para a platéia. Em um lugar menor tudo bem, mas no Lollapalooza foi um desastre.

O Alice in Chains foi o oposto do Dinosaur Jr.: os caras estão acostumados a tocar em estádios e sabem comandar a massa. Tocaram com competência e deixaram os metaleiros em êxtase.

O final foi um banho de cubos de gelo: o Primus, inexplicavelmente escalado para fechar o festival (dizem que o Alice in Chains é que deveria fechar, mas não quis), fez um show que foi uma exibição inútil de virtuosismo. Tudo bem, o baixista Les Claypool é realmente o rei da cocada preta, toca um instrumento de 45 cordas com a velocidade do Speed Racer, é uma brasa. Mas lugar de fenômeno é no "Acredite Se Quiser". No palco, eles têm que ser energéticos, tocar com vontade, sacudir o povão. E não fizeram nada disso.

Ainda tiveram a petulância de tocar um cover do Ministry, "Thieves", que deixou o baixista Paul Barker (por coincidência a minha carona de volta à cidade) revoltado. Ele ficou tão possesso que quis sair antes do bis. Acho que não perdemos muito.

NESSA PÁGINA: ALICE IN CHAINS, BABES IN TOYLAND E CHE GUEVARA (NO AMPLIFICADOR DO RAGE AGAINS THE MACHINE). NA OUTRA: PRIMUS, DINOSAUR JR E DUAS VEZES FISHBONE

Rage Against The Machine: Revelação & Revolução

"Clash + Led Zeppelin + Bad Brains + Public Enemy + Minor Threat". Assim o guitarrista Tom Morello define sua banda, que dominou o Lollapalooza 93. Mas tem mais: Zach de la Rocha (vocais), Timmy C. (baixo), Brad Wilk (bateria) e Tom Morello (guitarra) acreditam no poder politizador e "abridor de consciências" do rock. Pelo jeito muita gente acredita também: o primeiro disco dos quatro emplacou o primeiro lugar da parada Heatseekers, da Billboard - o melhor termômetro da cena alternativa com potencial de estourar. E a banda foi para o Lollapalooza 93 o que o Pearl Jam foi para o de 92: a banda de quem ninguém espera nada que acaba roubando o show. Nada mau para um grupo formado em 91.
Sem gravadora bancando sua pesada mistura de metal, funk e hip hop, o grupo de Los Angeles começou por onde começam as bandas mais "difíceis": bancando a gravação de uma fita, vendida em shows e lojas alternativas. A demo vendeu mais de cinco mil cópias e atraiu até a atenção de Madonna, que queria contratá-los para sua gravadora Maverick. A Epic foi mais rápida e contratou os revoltados.
Rapidamente, o RATM virou moda: clip na MTV, elogios de Perry Farrell, Gene Simmons e Anthrax. Na sequência apareceu a grande chance: o convite para o Lollapalooza. Com a palavra, Tom Morello.

Vocês esperavam pelo convite para tocar no Lollapalooza?
Nós tocamos no festival do ano passado, mas no palco lateral, onde bandas desconhecidas se apresentavam nos intervalos das grandes atrações. O Perry Farrell gostou muito de nós. Não vou dizer que nós esperávamos pelo convite, mas não foi uma surpresa total.

Este ano o festival traz bandas bem ecléticas, não? Tem rap, heavy, tecno...
Acho isso muito saudável. O Lollapalooza é um festival de música alternativa, não necessariamente de música pesada. Se alguém reclamar por causa da presença de estilos variados, é porque não merece assistir a um festival desses.

Como você define o som do RATM?
Uma fórmula boa seria Led Zeppelin + The Clash + Bad Brains + Public Enemy + Minor Threat (antiga banda punk de Washington D.C. liderada por Ian MacKaye, hoje no Fugazi). Não usamos samplers nem sintetizadores. Mas isso não tem nada a ver com o nosso gosto. Curtimos rap, hip hop e música industrial, como o Ministry.

Você realmente acredita no rock como instrumento politizador?
Se o rock não despertar a consciência dos jovens, quem vai? A TV?

Não é uma contradição criticar a indústria, conclamar a revolução e ao mesmo tempo assinar um contrato com a Epic, uma das empresas do grupo Sony?
Só porque a empresa é grande e rica não significa que ela seja nociva. Nós fomos muito bem tratados pela Epic. Ninguém quis meter a mão no nosso disco. Nos deram liberdade total para trabalhar. É só gravando por uma companhia grande, que podemos levar nossa música para mais gente. O que adianta tentar passar uma mensagem positiva se só dez pessoas vão ouvir?

Quem escreve as letras da banda?
O Zach (de la Rocha, vocalista) faz todas as letras. Ele é um cara super bem informado, formado em Harvard. Todo mundo na banda é revoltado com a situação dos Estados Unidos, mas o Zach é o mais ativista.

Vi que vocês têm um amplificador pintado com a cara do Che Guevara. Qual a postura política de vocês?
Somos a favor da liberdade. Uma coisa que nos preocupa é o avanço da direita nos Estados Unidos. Eles querem proibir o aborto, censurar músicas e expulsar todos os imigrantes. E estão ganhando força.

Quais são suas atividades políticas, fora dos shows?
Depois dos shows, distribuímos panfletos contra os grupos conservadores, mostrando as empresas que apoiam movimentos antiaborto e pró-censura. Pedimos para o nosso público que boicote essas empresas.

Você está assustado com o sucesso?
Ainda não consegui me acostumar a assinar autógrafos! Sei que os fãs adoram esse tipo de coisa, mas não consigo me sentir confortável. Nunca deixo de assinar, para não decepcionar o garoto. Quando eu tinha uns quinze anos, vi o Paul Stanley, do Kiss, no meio da rua. Saí correndo para pedir um autógrafo e ele bateu a porta do carro na minha cara. Fiquei um tempão chateado, nem queria ouvir mais os discos do Kiss. Por isso sempre damos atenção para nossos fãs. Não quero que eles se lembrem da gente simplesmente como rockstars.

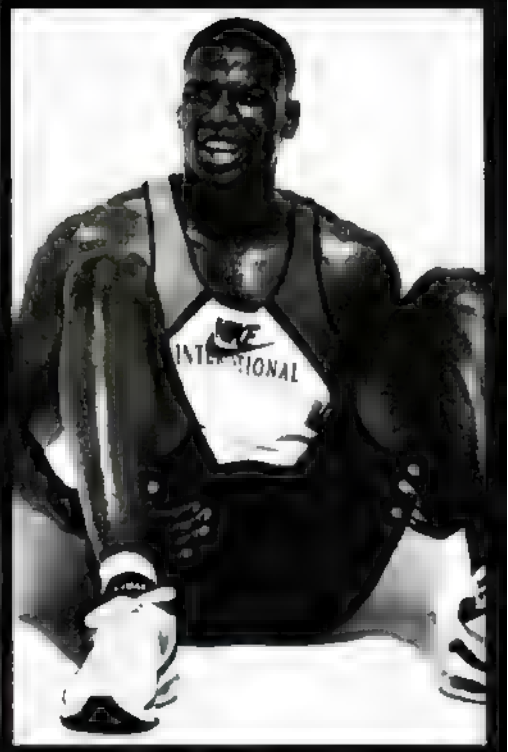
18 milhões de dólares é o lucro esperado para o Lollapalooza desta ano, mesmo quando em 92. Em 91 o festival lucrou US$ 8 milhões.
32 shows passarão por 22 cidades dos Estados Unidos e Canadá.
300 pessoas fazem parte da equipe do festival, incluindo recolhedores de lixo e guias.
22 ônibus alugados para transportar toda essa gente.
180 quartos de hotéis alugados.
900 mil pessoas é o público estimado durante todo o festival. De 850 mil a 950 mil pessoas.
5 bandas só estouraram depois de tocar no Lollapalooza: Butthole Surfers, Nine Inch Nails, Rollins Band (91), Ministry e Pearl Jam (92).
5 artistas se recusaram a tocar no Lollapalooza desse ano: Neil Young, Peter Gabriel, Belly e P.J. Harvey.

NIKE

AIR

Quincy Watts, medalha de ouro nos 400m.

MAX



Distâncias máximas para corredores máximos.

Ilustração: Makengra

O monstro renasce com múltiplas faces. Funde-se com o heavy metal, infiltra-se no rock alternativo, anima raves e influencia novas bandas no mundo inteiro - inclusive no Brasil.

Você já ouviu falar em house progressivo?

Se você ver um disco do Yes ao lado de um 12" de trance do selo belga R&S vai estranhar. Um não tem nada a ver com o outro. O Yes é "viajandão", a música dura uma eternidade, a graça está nas esculturas auras construídas, nas evoluções dos temas, mais do que nas melodias. Trance também é "viajandão", não tem melodia, refrão ou vocal, porque sua graça está na disposição dos seus diversos sons e nas variações em cima do tema. Os remixes duram quase dez minutos.

Estamos falando ou não da mesma coisa?

Dance music foi feita para sacudir corpos e pés. Rock progressivo foi feito para extrapolar a mente e o sensorial. Mas apesar de serem duas coisas opostas por definição, ambas vivem se encontrando há quase vinte anos – desde que Giorgio Moroder resolveu se inspirar em Kraftwerk e outros eletrônicos alemães para criar suas suítes disco para Donna Summer.

Embora a situação tenha sido de amor/não amor na maior parte desse tempo, de cinco anos para cá o casamento tem conhecido seus momentos mais sólidos. Trance, *progressive house*, ambient, techno são alguns dos estilos que podem ser vistos com o enfoque progressivo. O sucesso nas pistas do planeta tem tudo a ver com o amplo e uso de químicos alucinógeno/sensoriais (ecstasy, ácido).

E onde encontrar essa fusão cósmica?

O nome de maior sucesso é The Orb. Seu single "Blue Room" chegou a conter uma versão de 37 minutos da canção, enquanto o álbum *U.F.Orb* (que bateu em primeiro na Inglaterra) trouxe influências de Tangerine Dream e Hawkwind (com ou sem *beats*).

O System 7 é outra *trip* interessante. Trata-se de um projeto envolvendo Steve Hillage, do clássico progressivo Gong, com músicos de techno como o pioneiro Derrick May. O house chamado *progressive* (retomando o sentido original do termo, de inovação), de selos ingleses como Cowboy e Guerilla, está cheio de jornadas rítmicas com *dubs* e efeitos. O trance vai mais longe, fazendo apologia de Brian Eno e do Can em álbuns como *Accident In Paradise*, do DJ alemão Sven Vath, onde há apenas duas faixas, cada uma num dos lados do vinil – era de se esperar de Vath: sua discotecagem/hipnose coletiva pode ter dezesseis horas. Sem falar no Aphex Twin (também conhecido como Polygon Window e vários outros nomes) e em CJ Bolland.

FOTO: NA

Ambos encaram desde a porradaria quase-industrial até o ambient techno mais biquefento, sempre dando em algo ultra-esquisito.

Mas isso não é de se estranhar. Os papas fundadores da house em Chicago, Marshall Jefferson e Larry Heard, sempre citaram Rush e Yes como influências. A onda dos tecladistas de rave de 89/90 (Adamski, Guru Josh), com instrumentais épicos e cascatas de notas, trouxe à tona os fantasmas de Rick Wakeman. E "Natural Thing", do Innocence, sampleava integralmente a guitarra de "Shine On You Crazy Diamond", com permissão do professor David Gilmour.

Está mais do que provado. Se aqueles fãs mais recalcitrantes de Rush ainda estão naquela de que foi a *disco* que matou o progressivo, está na hora de acordar, pois a dance está dando moral renovada para seus conceitos mais queridos. *CAMILO ROCHA*

IMPÉRIO DOS DEDILHADOS

Do Rush ao Dream Theater, a conexão hard/prog

Se teve um gênero com o qual o metal se entendeu de verdade foi o rock progressivo. Seja na influência onipresente do Rush em mais de uma geração, nas conduções épicas ou na busca da virtuose instrumental.

Os chamados *guitar heroes* – Joe Satriani, Yngwie Malmsteen, Steve Vai, Vinnie Moore... – acabaram empesteando a molecada trada do metal com ideias mirabolantes e gerando frutos (nefastos?) como aqueles solos intermináveis e as aberturas dedilhadas que habitam até mesmo discos de fodões do thrash como Testament, Destruction, Anthrax e Kreator.

Se por um lado o progressivo inspirou uma parte da galera, despertou o ódio mais profundo de outra ala, tornando-se indiretamente responsável pelo surgimento do punk rock e as coisas mais podronas e porradas do universo. Leia-se grind, hard e outros *cores*.

Mesmo assim Deus e o diabo sempre conviveram no mesmo espaço. Essa união vem de longe. O Black Sabbath nos últimos tempos de Ozzy tentava colocar os pés no progressivo. O próprio Osbourne falava disso como uma das razões para sua saída da banda.

No auge da NWOBHM (*new wave of british heavy metal*), por volta de 84, o Iron Maiden declarava suas influências do Jethro Tull e atolava os lados B de seus compactos com versões de rock progressivo.

Enquanto isso, em Seattle, o Queensrÿche surgia com a cabeça enterrada na fusão dos dois estilos. Hoje, até os batedores de cabeça americanos se rendem ao Dream Theater, filhote de Queensrÿche que cultua o virtuosismo e a fusão exagerada dos estilos.

Mas nem só de firulas intermináveis vive o gênero. Essa mistura deu origem a uma das bandas mais originais da história do heavy metal.

O canadense Voivöd, deuses podrões da época do surgimento do thrash metal, até hoje mantém-se absoluto em matéria de originalidade graças à constantes mutações e influências de space rock – via Gong, Hawkwind e até Pink Floyd, de quem já gravaram versões monstruosas de "Astronomy Domine" e "The Nile Song".

Da mesma estirpe, o Primus (cujo guitarrista Larry La Londe já foi do Possessed e do Blind Illusion, grupo chamado na época de *tecnothrash* que já profetizava seu grupo atual) jogou no liquidificador Frank Zappa, King Crimson e funk. Se tornou um vetor amor/ódio como seus ídolos do Rush o são a mais de uma década.

Outras bandas como Watchtower, Sanctuary, Poltergeist, Fates Warning e Tourniquet ousaram essa misturança, enchendo o mercado metálico com as mais variadas viagens "cabeçonas". Não é a toa que *Scenes*, o terceiro disco solo de Marty Friedman (que tem o respaldo de ser "o guitarrista do Megadeth") tenha sido produzido pelo japonês "maletaço viajandão" Kitaro.

ROBERT HALFOUN/CARLOS EDUARDO MIRANDA

Nem sempre convivendo em harmonia, a união entre heavy metal e progressivo também gerou bons grupos como Voivöd e Primus

VERTENTES E SÍMBOLOS DO SOM PROGRESSIVO

CLÁSSICO

• Bach, Tchaikovsky, Stravinsky

• The Beatles '67

• Moody Blues, Yes, Genesis, Van Der Graaf Generator, King Crimson, Gentle Giant, Emerson, Lake And Palmer

• Peter Gabriel, Peter Hammill, Marillion/Fish

• Dream Theater

Visual Surrealismo *à la* Hypgnosis, pré-rafaelitas britânicos, Roger Dean

Local Em uma sala com sistema de som quadrafônico

METAL PROGRESSIVO

• Cream, Iron Butterfly, Vanilla Fudge

• Deep Purple ('68/'70), Queen

• Rush, "progressivo-baba" (Journey Styx, Kansas, Asia etc.)

• Yngwie Malmsteen, Joe Sartriani e toda a escola IGT

• Primus, Living Colour, Ministry, Voivöd

Visual Conan, O Bárbaro

Local Em uma arena

SPACE ROCK

• LSD, LIB ("Let It Be"), Jimi Hendrix, Sun Ra

• Pink Floyd, Hawkwind, Tangerine Dream, Gong

• Ozric Tentacles, Monster Magnet

Visual O prisma de *The Dark Side Of The Moon*

Local Em qualquer lugar, mas estando chapado.

FOLK

• The Beatles + música tradicional britânica

• Jethro Tull, Strawbs, Steeleye Span, Incredible String Band, Renaissance

• Simplicidade do homem do campo

• Cocteau Twins, Kate Bush, Clannad, Enya

• Michael Hedges, Ultramarine, Waterboys

Visual Um duende tocando flauta passeando por uma paisagem pastoril

Local Em uma vila no interior da Inglaterra

ELETRÔNICO

• Stockhausen, La Monte Young, John Cage

• Can, Kraftwerk, Brian Eno, Conny Plank, David Bowie fase *Low*

• Funcionalismo *à la* Bauhaus

• Giorgio Moroder, *disco* eletrônica

• The Residents, Suicide, Joy Division, Cabaret Voltaire, D.A.F., SPK, Throbbing Gristle

• Depeche Mode, Art Of Noise Yellow Magic Orchestra

• The Orb, trance, tecno de Detroit, house progressivo

Visual O alto-falante da capa de *Radio-Activity*

Local Em uma longa viagem de carro ou de trem

NEW AGE

• Steve Reich, Philip Glass

• Ravi Shankar, macrobiótica

• Vangelis, Jean Michel Jarre, Mike Oldfield, Laurie Anderson, John Hassell, Mark Isham

• Kitaro, Tomita

• Durutti Column, selo Private Music

Visual Um arco-íris ao pôr-do-sol

Local Em um templo budista

ART POP

• Escola de arte

• Roxy Music, Bebop De Luxe

• Arte de vanguarda, *Playboy*

• New Order, Japan, Devo, XTC

• U2 fase *Zooropa*, PM Dawn, Mercury Rev

Visual Bryan Ferry com sapatos de plataforma

Local Em uma festa agitada

VANGUARDA SOCIALISTA

• Brecht & Kurt Weill, Schoemberg

• Henry Cow, Fred Frith, Robert Wyatt, Slap Happy, Matching Mole

• Realismo socialista

• Material, Golden Palominos, Cassiber, Gang Of Four

• Einstürzende Neubaten Test Department

Visual A foice e o martelo

Local Em uma montadora do ABC

JAZZ ROCK

• Miles Davis fase '70, Mahavishnu Orchestra, Frank Zappa

• Soft Machine, Weather Report

• Qualquer abertura de telejornal

• "Fusion baba" (Spyro Gyra, The Yellowjackets)

• Kenny G, Shrapnel, Sting

Visual Capas dos discos da ECM

Local No Free Jazz Festival

GRUDE

• The Beatles

• ELO, Supertramp, 10cc

• Efeitos metidos a espertos

• Genesis atual, Phil Collins, "progressivo baba"

• Simple Minds, Tears For Fears

Visual O filme *Xanadu*, comerciais dos cigarros Hollywood

Local Na sala de espera do dentista

LOW LIFE RECORDS
CDs • LPs • COMPACTOS
Distribuição de selos independentes
GRIND • DEATH • HARDCORE • EXPERIMENTAL
Atendemos exclusivamente pelo correio, escreva e receba catálogo com 40 páginas (A5)
ATENDEMOS TODO O BRASIL
CAIXA POSTAL 6700 - SÃO PAULO - SP
CEP 01064-970 - FONE/FAX: (011) 835-8791

CBS
TAPE DECK'S • POTÊNCIAS • TOCA DISCOS
• MICROFONES • CAIXAS ACÚSTICAS
TODA A LINHA PARA P.A.
COMPRA • VENDA • TROCA
NACIONAIS E IMPORTADOS
VENDAS PARA TODO O BRASIL
Tel.: (011) 220-3677 - 221-6822 - 222-6082 - Fax: 223-7682

O ROCK CHEGOU DE VEZ AO BOM RETIRO
A MAIS NOVA LOJA ESPECIALIZADA EM ROCK
• Mideton • Camisetas • Anels • Bottons • Patches • Adesivos • Bones • Etc
PAYTON Rock
DISCOS E CDs EXCLUSIVIDADE NA REGIÃO:
• STAMP • PATTON ROCK
Atacado e Varejo (Pronta Entrega)
Loja da Fábrica: Rua Prates, 334 - (Metrô Tiradentes)
CEP 01121-000 - SP - SP - Tel. (011) 229-4452

ROXY LASER RENTAL
A Nº 1 EM LOCAÇÃO DE CDs
• + de 7.000 TÍTULOS DISPONÍVEIS
• TODOS OS GÊNEROS MUSICAIS
• RARIDADES, PIRATAS, SINGLES...
• A ÚNICA EM DOIS ENDEREÇOS
LOJA 1: AV. ACLIMAÇÃO, 871 - ACLIMAÇÃO
TEL.: (011) 277-0909
LOJA 2: R. DR. MELO ALVES, 734 - JARDINS
TEL.: (011) 282-3677

SHOPPING BIZZ SHOPPING

GUITARRISTAS!
GARANTAM JÁ SEU EXEMPLAR.
EDITORA JAZZ MUSIC
LARGO DO PAISSANDU, 72
23º AND - CJ 2307
CEP 01034-010 - SÃO PAULO - SP
TEL.: (011) 238-1318

O ROCK VIROU A PÁGINA
NEW Festival
DISC MUSIC
(011) 262-7544 - FAX: (011) 262-7198
De A a Z tudo em instrumentos musicais e acessórios.
ATACADO E VAREJO
Vendas pelo Correio para todo o Brasil
Rua Coriolano, 297 - Lapa - CEP 05047-000 - SP
Estacionamento próprio

CENTRAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
NACIONAIS E IMPORTADOS
ATENDEMOS A TODO O BRASIL
Fax: (011) 815-0880
Fone: (011) 883-5080
• Loja Pinheiros
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 10 - CEP 05405-050
• Loja Guarulhos
Rua Padre Celestino, 70 - Centro
Fone: (011) 208-1318

GANHE
25 CD's IMPORTADOS DA SUB-POP
LEIA A SEÇÃO ZONA FRANCA, ESCREVA UMA FRASE RELACIONANDO "SUB-POP COM ROCK"E ENVIE PARA A STUDIO TAN. NÃO ESQUEÇA DE MENCIONAR A BANDA QUE MAIS TE INTERESSOU. OS NOMES DOS GANHADORES SERÃO PUBLICADOS NA PRÓXIMA EDIÇÃO.
Studio Tan
SUB POP
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO SUB-POP PARA AMÉRICA DO SUL
ATACADO
Distribuição Nacional
CONSULTE NOSSOS PREÇOS
NOSSOS PREÇOS / VAREJO
USA - 20 US$ EUR - 28 US$ - PIRATA - 25 US$
JAP - 32 US$ USA SUB-POP - 18 US$
REMETEMOS VIA SEDEX PARA TODO O BRASIL
AL. JOAQUIM EUGENIO DE LIMA, 1220
CEP 01403-002 - SÃO PAULO - SP
FONE: (011) 887-9082 - FAX: (011) 884-8524

ANARQUIA MUSICAL
INSTRUMENTOS MUSICAIS
CRATE - PEARL - PEAVEY - MAPEX - ZILDJIAN - SABIAN
• ROLAND • MULTI-EFEITOS - MANFORD - BOSS
COMPRA • VENDA E TROCA
NACIONAIS E IMPORTADOS
Rua Cristiano Viana, 524 - CEP 05411-000 - Pinheiros
Tel.: (011) 282-8708 - 883-0074 - São Paulo - SP

Não há nada de mal em ficar velho um dia. Cabelos brancos têm lá o seu charme. Ou podem ser tingidos. Mas não se pode tingir uma vida em branco.

Saia um pouco de casa. O lar, doce lar - como tudo o que é doce - enjoa. Vá mais longe que o de costume. Explore novos caminhos, suba montanhas, descubra cachoeiras, ouça o silêncio.

Existem lugares incríveis onde simplesmente respirar fundo já é uma experiência que vale a pena.

Só não tente ser aventureiro com qualquer sapato. A maioria deles não nasceu para isso. Use Countryside Samello.
Macio, resistente, cano alto ou baixo e solado em borracha natural. Feito sob medida para agüentar as aventuras de um futuro ídolo dos netinhos.

E com um design tão bonito que nada impede que você se torne um ídolo desde já.

Calce um Countryside e saia sem rumo certo. Ou com rumo certo, desde que pelo pior caminho. Prestando atenção nos pássaros, no céu, nas árvores, nas montanhas. E, sempre é bom, nos buracos.

Countryside

Samello

LANÇAMENTOS

VÁRIOS

Cri Du Chat

Minimal Synth Ethics 2 – Brazilian Electronic Compilation

A cena eletrônica européia é na certa um dos mais esquisitos subprodutos do punk. É um encontro da tradição eletrônica-intelectual kraftwerkiana com o jeitão "deixa que eu chuto" dos moleques com alfinete nas bochechas. Da estética funcionalista & militante das primeiras décadas do século com um pessimismo típico do hardcore. Do hipermarketing dos anos 80 com a simplicidade cooperativista do *do it yourself*

Parte dessa cena se integrou à paisagem pop, à ponta do iceberg roqueira (Nine Inch Nails, Ministry Consolidated) ou dance (o tecno, histérico e esteril)

Já a gravadora brasileira Cri Du Chat se liga à vertente que faz questão do underground. O que é bom – porque é essa rede subterrânea internacional que garante a vendagem de seus discos, todos concebidos para o mercado exterior. E é mau - porque os padrões de todo porão tendem a ser rígidos. Para alguns desses cyberpunks (os originais) qualquer fuga do bate-estaca teutônico é heresia. *Minimal Synth Ethics 2* ganha pontos justamente por escapar da prisão EBM.

O mineiro Primal Violence, por exemplo, se liga mais no som da Wax Trax. O Loop B experimenta em cima de bases eletrônicas. Os cariocas Inhumanoids! caem para o tecnopop e acerta em cheio. Harry, os verdadeiros pais da cena eletrônica brasileira, nesse CD vão mais longe na violência e na esquisitice.

Outro santista, City Limits, tem mais a ver com a cold wave e grupos como o Cranes do que com o cliché industrial. A fusão de guitarras indie, sintetizadores atmosféricos e a voz de Lilian Vaz é muito bonita. Ainda tem umas copias descaradas dos gringos? Tem. Mas os gringos também se imitam entre si.

E se o som às vezes me encheu o saco não foi por falta de eficiência ou acabamento. Foi mais porque porque música eletrônica tem seus limites mesmo (assim como a acustica, a elétrica etc.)

O que interessa é que esse disco marca a entrada da música eletrônica brasileira nos padrões internacionais de qualidade. E qualidade não é só gravação digital tão boa quanto a dos estrangeiros - embora esse disco consiga isso (aliás só saiu em CD). Depende dos artistas conseguirem imprimir alguma marca pessoal aos seus trabalhos. E isso, a maioria dos dezessete grupos aqui presentes conseguiram.

A produção da Cri Du Chat não pára por aí, os lançamentos estão saindo em ritmo acelerado. *Minimal Synth Ethics 2* passa a partir de agora a ser uma coletânea anual.

Na sequência, o selo edita discos do Harry, do Individual Industry (que também tem Lilian Vaz na sua formação) e do Simbolo, a banda mais famosa da cena eletrônica brasileira, que vem com CD, maxi-single com cover do Depeche Mode e muito mais. Te aguçou a curiosidade? Anote o telefone do selo Cri Du Chat é (011) 282-7077. *ANDRÉ FORASTIERI*

Ilustração: Jaime Prades

DISCOS

ANTHRAX

Warner

[Sound Of White Noise]

Não dá para dizer se este disco é melhor ou pior do que o excelente *Persistence Of Time*, de 90. É páreo duro. Melhor esperar a poeira baixar. O Anthrax mudou seu som. Nada que o tenha deixado irreconhecível, até porque a voz de John Bush (ex-Armored Saint) não é muito diferente da de Joe Belladonna. O que o quinteto novaiorquino fez foi radicalizar no minimalismo e nas influências de Black Sabbath e de seus apóstolos de Seattle. "Hy Pro Glo" remete direto para "Children Of The Grave". As guitarras de "This Is Not An Exit" lembram "We Die Young", do Alice In Chains. Em "Room For One More", os riffs parecem gravados de trás para frente, como faz o Soundgarden. "1,000 Points Of Hate" tem scratches de Terminator X, do Public Enemy. Só duas músicas fogem da muralha sônica: o hit "Only" (próximo do metal melódico inglês) e a balada "Black Lodge", arranjada por Angelo Badalamenti, que fez a trilha de *Twin Peaks*. Há vida inteligente no thrash metal. *JOÃO RICARDO LIMA*

BILLY IDOL

EMI-Odeon

Cyberpunk

Billy Idol é um farsante jóia. Depois de posar de Elvis punk, cantar a manjada "L.A. Woman" etc., ele descobriu agora o manjadíssimo papo cyberpunk. Pelo menos, não afeta "seriedade artística" (está errado? O antípoda quase perfeito dele é o pernóstico rock progressivo...) Neste *Cyberpunk*, Billy Idol faz tecno de mentirinha (como antes fazia punk). Mas nada disso é relevante. Mais importante são os brinquedos que ele está lançando: os videoclips, o videogame e o disquete de computador que traz a ficha técnica etc. A música mesmo é qualquer nota. Um álbum duplo que bem editado daria um bom compacto de Billy Idol no passado. Nada muito desagradável, a não ser a versão de "Heroine", do Velvet. Se com isso ele receber uma bengalada do velho Lou Reed é merecido. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

U2

PolyGram

Zooropa

Embora o U2 dispute com os Guns N' Roses o mérito de maior banda da terra e seus hits/vídeos sejam tocados até a morte, eles ainda não provocam o bode generalizado típico dos grupos superexpostos. Deve ser porque, depois do sacolão de sucessos de *Achtung Baby*, eles são capazes de lançar discos como este. *Zooropa* é totalmente anticomercial, cheio de climas esquisitos e barulhos incomuns. Foi feito em intervalos da turnê Zoo TV, então não é um álbum "planejado", com a banda vivendo em função de sua gravação. Por isso saiu torto desse jeito. Belissimamente torto, na tradição de discos como *Pet Sounds*, dos Beach Boys. As músicas falam na nova ordem mundial, TV via satélite, Europa unificada, controles remotos, sob a forma de pequenas crônicas cotidianas.

Como em "Babyface", sobre um cara apaixonado por uma imagem gravada no vídeo. Esses temas, que são amparados por uma música cheia de minúcias sonoras e referências ao tecno e a outros estilos atuais, mostram afinal como o U2 quer e tem tudo para ser o mega-grupo mais representativo dos nossos tempos. *CAMILO ROCHA*

STONE TEMPLE PILOTS

Warner

Core

Não faz a mínima diferença que o quarteto Stone Temple Pilots seja procedente do eixo californiano San Diego/Los Angeles. Apesar do seu relativo punch, *Core* é grunge cuspido e escarrado, arduosamente arquitetado para vender horrores e ajudar a despachar o "modelo alternativo" de Seattle para o inferno de uma vez por todas. Se os caras já haviam grudado na telinha da MTV com o "sub-aliceinchainado" hit "Sexy Type Thing", esperem só para ver quando alguém descobrir que o vocalista Weiland é capaz de

assobiar e chupar cana ao mesmo tempo. Ou melhor, de imitar Eddie Vedder e Kurt Cobain simultaneamente nas baladas "Creep" e "Plush". Com estes artifícios, o STP tem tudo para ser o *hype* do ano. Resta saber por quanto tempo os rapazes terão fôlego para "Segurar Tamanho Plágio". *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

L.L. COOL J

Sony

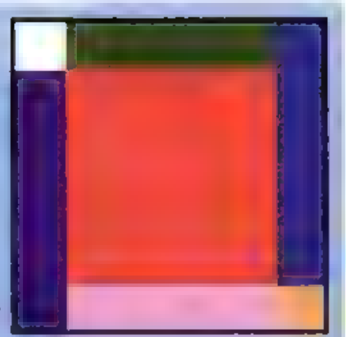
14 Shots To The Dome

Nos últimos dez anos, o rap assumiu diversas formas e uma multidão de artistas teve direito aos seus quinze minutos de falação antes de voltarem um pouco mais ricos (é verdade) à obscuridade. Estacionado lá em cima da montanha, L.L. Cool J viu tudo isso passar e teve moral para mandar um discão como esse. Um passeio elegante e atualizado por diversos estilos que ele repassa na autobiográfica "Funkadelic Relic", produzida por Marley Marl. Neste cartucho de catorze balas ainda tem o peso balançado de "How I'm Coming" e "Buckin' Em Down", arranjos orquestrais para "Crossroads" e o *dancehall* de "Straight From Queens" avalizado pelo jamaicano Lt. Stitchie. *CLÁUDIO CAMPOS*

TITÃS

Titanomaquia

Data: algum dia perdido em 92.
Local: casa de um dos Titãs. Os sete roqueiros se reúnem para traçar as metas de seu novo álbum.
Paulo: "Bom, galera. E aí? Nosso último disco foi massacrado."
Toni: "É mesmo. Temos que pensar em algo diferente... Vamos começar pelo nome. Alguém tem uma sugestão?"
Nando: "Que tal 'Pa-Ra-Le-Le-Pi-Pe-Do'?"
Marcelo: "Não, nada de poesia concreta. O Arnaldo saiu, se liga!"
Charles: "Que tal um disco grunge? Está bem na moda..."
Sergio: "Será dá certo?"
Charles: "Porra, até o Capital Inicial está fazendo cover do Pearl Jam!"
Branco: "É mesmo! O Dinho rasgou todas as suas calças e tatuou 'Eu Sou Roqueiro' na cabeça."
Charles: "A gente poderia chamar aquele cara do Nirvana para produzir, o Butch Vig..." (segue-se um longo intervalo, durante o qual Charles liga para a gravadora).
Charles: "'Rapeize', o Butch não dá, mas eles me garantem um tal de 'Jack Albino'."
Paulo: "'Albino'? Legal, talvez ele até curta o Hermeto Pascoal."
Nando: "Mas eu não entendo nada de grunge. Só ouço Tom Zé e Marisa Monte!"
Branco: "Não tem mistério. O negócio é o seguinte: a gente mete umas guitarrinhas distorcidas, fala uns palavrões no meio das músicas e põe no *press release* que nosso negócio agora é pauleira!"
Marcelo: "Será que vai colar?"
Sérgio: "É lógico. Brasileiro é tudo bundão! A molecada toda só está andando com esse visual grunge, eu vi no *Programa Livre*."
Toni: "A gente pode fazer umas fotos com visual punk!"
Marcelo: "Oba, vou estrear a minha camiseta do Tad."
Nando: "Você também fez



Warner

este curso de datilografia?"
Branco: "Só tem um problema: e se esta onda grunge acabar? E se o samba entrar na moda?"
Charles: "Bom, acho que talvez o Agepê toparia produzir nosso próximo disco." *ANDRÉ BARCINSKI*

NEW MODEL ARMY

Sony

The Love Of Hopeless Causes

Têm bandas que álbum após álbum não fazem muito além de se repetir. No caso do NMA, isso é uma virtude. As mesmas guitarras sem firulas, as linhas de baixo e o sotaque *cockney* declamatório de Slade The Leveller (codinome de Justin Sullivan) registrados em seu primeiro álbum – *Vengeance* (84) – marcam presença aqui. "Here Comes The War" abre o disco como um noticiário punk, informando que durante os 4:27 que rola a música mais 394 mil crianças nascem "neste mundão de meu Deus". Só isso já bastaria para perceber que o NMA não mudou, mas o alerta sobre o estado do mundo continua nas demais faixas. Em "Believe It" e na belíssima "These Words" eles deixam escapar um certo ressentimento por terem sido meio esquecidos nos últimos anos. Já em "Bad Old World" se dizem de saco cheio de carregar a bandeira dos punks engajados. Quanto ao esquecimento, não precisam se preocupar: a suja geração *crusty* já tratou de adotá-los. Quanto ao som, devem ficar tranqüilos: coisa boa vale *replay*. *JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO*

THE WATERBOYS

BMG Ariola

Dream Harder

Para quem não se recorda de "The Whole Of The Moon" e não achou *This Is The Sea* na loja, o novo álbum dos Waterboys é legal. Traz de volta o escocês Mike Scott, cabeça e quase membro único do grupo, mais uma penca de músicos convidados. Ele compõe bem, cria bons arranjos, toca o bastante. Pena que ao disco faltem momentos de brilhantismo pop, rock ou folk. Seria melhor se Scott tivesse reforçado o lado étnico-espírita de "The Return Of Pan" ou investido mais no psicodelismo de "Preparing To Fly". *Dream Harder* não é marcante, mas dá para se ouvir de ponta a ponta, até mais de uma vez. *CELSO FIORAVANTE*

HELMET

Warner

Strap It On

Depois que o cataclisma Nirvana reduziu à poeira o universo pop, bandas/crítica/público embarcaram numa espécie de elogio da burrice do barulho pelo barulho. Qualquer um com mais de três neurônios passou a ser descartado como "chato", "cabeça" etc. Mas será que é isso mesmo? Será que é preciso ser despossuído e semiletrado como Kurt Cobain para fazer rock visceral? Será que é obrigatório ter o cérebro em estado de suspensão desde os dezessete anos como Joey Ramone para ser bom de verdade? Não! Caras com uma formação mais sólida também fizeram bandas de

primeira, sem resvalar na pretensão. Como o quarteto novaiorquino Helmet, cujo primeiro álbum, *Strap It On*, está saindo por aqui. Seu líder, Page Hamilton, é um guitarrista de *background* erudito que usa seu arsenal teórico a serviço do mais denso heavy metal. São guitarras minimalistas que disparam riffs rapidíssimos, fazem segundos de silêncio, voltam a atacar e param de novo. É algo como um "coito interrompido" musical. O disco tem nove faixas. "Repetition" é punk metal do melhor. "Rude" é rude. "Bhla" tem tantos breques que parece composta por Moreira da Silva. O Helmet se encheu de grana em um contrato milionário com a Interscope, que apostou neles como "o novo Nirvana". Não são. E também não precisam ser. *ÁLVARO PEREIRA JR.*

DISCOS

ROD STEWART

Unplugged... And Seated Warner

NEIL YOUNG

Unplugged Warner

Eric Clapton, Mariah Carey, The Cure, Bruce Springsteen, Arrested Development (ver resenha ao lado)... A série de "desplugados" da MTV chega mais como um "requentamento de marmita" para faturar sobre "novas" versões de hits, do que como algo de relevante no currículo de tais artistas. Porém, as exceções estão aí para quebrar as regras e estes dois discos – apesar de seguirem o mesmo esquema – são gratas surpresas. Devido às circunstâncias particulares em que foram gravados, ao repertório escolhido e, principalmente, ao clima que ambos evocam.

No caso de Rod, *the mod*, há muito que ele não fazia nada que lembrasse o cantor de voz rasgada dos Faces e do início de sua carreira solo. Este registro acústico então serviu para transportá-lo àquele período áureo, assessorado pelo chapa Ronnie Wood. Cantando quase somente músicas que gravou de meados dos anos 70 para trás, Rod comprovou sua classe aos fãs de longa data e certamente angariou novos adeptos – pela qualidade perene de canções como "Maggie May" e vocais que fariam "embaixadinha" com os de um Chris Robinson, digamos. Quanto a Neil Young, sua índole imprevisível já é um aval de um show acústico com lances inusitados. Vide o órgão em "Like A Hurricane" (seguida por uma "palinha" de "The Needle And The Damage Done"), o piano e gaita de "Helpless", ou a ultra cool "Mr. Soul", dos tempos do Buffalo Springfield. Junto às antigas canções, Neil toca algum material do recente e semi-acústico *Harvest Moon*, sem grandes variações. Mas que, no final, fazem um disco mais que original entre os "desplugados", sem nenhuma cara de *greatest hits*. CELSO PUCCI

ARRESTED DEVELOPMENT

EMI-Odeon

Unplugged

O AD é mais um a aderir à fórmula desplugada da MTV. Neste show os novos *darlings* da comunidade afro-americana se divertem juntando ao palco dezessete vocalistas e instrumentistas de dezessete a 01 anos para celebrar o hip hop com causa e sem samplers. Na platéia, o inevitável Spike Lee entre figurões da "diáspora africana". Bem menos divertido é o registro sonoro dessa farra, dividido em duas partes. Na primeira, sete faixas do álbum de estréia são recriadas em versões confusas, que perdem muito sem os efeitos de estúdio. Na segunda, as mesmas viram instrumentais.

Aí parece gravação pirata de ensaio. Boa parte desse álbum de rap não tem rap e repete o que já é uma repetição. Uma pisada no tomate. *JEAN YVES DE NEUFVILLE*

MORRISSEY

EMI-Odeon

Beethoven Was Deaf

É verdade, o velho Ludwig ficou mesmo surdo e há quem acredite que foi a melhor coisa que lhe aconteceu, já que não precisaria mais ouvir a música de ninguém, a não ser a sua.

Se o velho Morrissey alude a esse isolamento diante da atual cultura pop, escutando só velharias e as vozes dentro de sua cabeça, quem há de culpá-lo? Talvez a originalidade tenha seu preço e poucos artistas hoje a paguem. Afinal, já está mais do que provado que ela não é essencial para se fazer bom pop...

Também não vou ficar aqui em defesa dos fãs revoltados com a inclusão de *Meat Is Murder* entre "os piores de todos os tempos" da BIZZ, nem puxando a orelha de quem confunde "crítica musical" com homofobia disfarçada em humor de borracharia. Só vou dizer que não vejo muito sentido neste disco ao vivo, a não ser como *souvenir* para idólatras. Até aí, tive o imenso privilégio de ver o show (resenhado na edição 89) e nem por isso quis comprar a camiseta. Apesar de seu interesse zero para quem não é fã – e odeia o cantor –, não há meio-termo – *Beethoven Was Deaf* é um puta disco de rock. O triunfo máximo da turnê de *Your Arsenal*, Morrissey tem, enfim, uma banda. Coesa, pesada, capaz de alta combustão, provando que o último álbum não era só fruto das mãos do grande Mick Ronson.

As duas guitarras mandando brasa deixam algumas canções melhores até que nas gravações em estúdio, como "We'll Let You Know" e "National Front Disco", esta uma porrada banhada em microfonia cujo final traz um dos momentos mais engraçados do disco. Morrissey: "Estou pensando em lançar esta em single, vocês acham que pode virar um hit?". Os fanáticos gritam em reflexo condicionado: "Yes!". E ele: "O quê?"

Esta força é melhor atestada em "Suedehead", numa faixa elétrica que pulveriza a adocicada versão original, produzida pelo infame Stephen Street. Em compensação,

nesta noite em Paris, "I Know It's Gonna Happen Someday" não atingiu a exaltação do show de Los Angeles (onde foi o momento mais arrepiante). Mesmo assim, detona a ridícula versão de Bowie. Mas esse é o cara que um dia virou o pop de cabeça para baixo com sua esquizofrenia andrógina alienígena e hoje louva o casamento de véu e grinalda! *JOSÉ AUGUSTO LEMOS*

SNOW

Warner

12 Inches Of Snow

Não, ele não é negro. Snow, como o próprio nome indica, é branco. Se chama Darrin O'Brien e é canadense de Toronto. Se ao ouvir "Informer" no rádio você também sentiu vontade de correr até a loja mais próxima, desista. Essa é, de longe, a melhor faixa de *12 Inches Of Snow*, seu primeiro álbum. Tudo o que se ouve ao longo do resto do disco são baladinhas chochas, tentativas de se fazer *raggamuffin* "honesto" e uma pretensão sem limite de querer ser – ou ao menos parecer – preto. Resumindo: não caia nessa. Guarde seu dinheiro ou, se quiser ouvir *raggamuffin* de verdade, vá direto às fontes originais. *CLAUDIA LIMA*

SAFARI HAMBURGUERS

Cogumelo

Good Times

A Cogumelo resolveu expandir seus horizontes abrindo as portas para bandas não propriamente metálicas e acertou na mosca. O grupo Safari Hamburguers manda um hardcore de primeira linha, rápido e divertido. Tipo as boas bandas do estilo na Califórnia. Também não é para menos. Os caras são de Santos, uma das cidades com mais e melhores bandas de porrada por metro quadrado. litorânea, ensolarada, mas também urbana e barra-pesada. E o SH não deixa por menos: faz bater cabeça com faixas como "Full Effect", "Lost Fun" e "Good Times".

As letras têm um lado "social", mas não são panfletas, com melodias pegajosas e aquele peso esperto que alegra a rapaziada. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

RÁPIDO & RASTEIRO

CLIFF RICHARD, o "Elvis dos ingleses", poderia ser lembrado como uma figura legal dos anos 60. Contudo, preferiu arrastar sua carreira até agora, gravando babas como **The Album** (EMI-Odeon) – uma coleção de hits de FM incidental ■ Os sertanejos **CHITÃOZINHO & XORORÓ**, apostaram os tubos em seu novo álbum. **Tudo Por Amor** (PolyGram) foi produzido em três estúdios nos EUA, teve participação dos Bee Gees numa versão de "Words" e o toque final foi dado por Zé Bettio ■ Outro com um pé para fora da música regional é **WILLIE NELSON**, com um batalhão de convidados (Paul Simon, Bob Dylan, Sinead O'Connor etc.) em **Across The Borderline** (Sony). Mas as melhores músicas são as country radicais ■ Já o trio dance californiano **THE MOVEMENT** repete em quatro versões o hit "Jump" em seu homônimo álbum de estréia (BMG-Ariola), cheio de chavões do gênero ■ Quer mais? Há uma quinta versão de "Jump" na coletânea **Dance Techno Dance** (BMG-Ariola). Mas aí ela acompanha coisas bem mais interessantes como **GARY CLAIL ON-U-SOUND SYSTEM** e **FRANKIE BONES** (interessante mesmo é a ausência de Felix, já que seu nome aparece na capa) ■ E com o apoio da UNESCO é lançado o primeiro disco de "eco-dance" do mundo. O grupo holandês **DEEP FOREST** gravou um álbum com o mesmo nome (pela Sony) pesquisando sons tribais de várias partes do mundo e jogando-os num clima ora dance, ora new age ■ Da inovação para a repetição: **Party Time** (EMI-Odeon) foi o título do álbum escolhido para o grupo espanhol **LOCO MIA** (com formação totalmente diferente) exibir modelitos de gala gay mais uma vez ■ E desfilando falta de identidade, o **DREAM THEATER** tentou ser Queensrÿche, Marillion e Saxon ao mesmo tempo. Não chegou a lugar nenhum com **Images And Words** (Warner) ■ Já o lugar onde a banda **INCLINED** chegou no álbum **Bright New Day** (Sony) foi o comum. Culpa do tempero jazzy num rock sem criatividade ■ E para segurar o sucesso de **Here It Is** (Sony), do trio **THE COVER GIRLS**, só mesmo matando. Foi o que ocorreu: uma das faixas é "Wishing On A Star", melô da atriz assassinada. *JOSÉ JULIO DO ESPIRITO SANTO*

ALELUIA! ALELUIA! — SÓ CRISTO SALVA — DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS — VADE RETRO! — A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE — VINIL — CD — CASSETE

BIOHAZARD

Roadrunner

Urban Discipline

Cabeludos ou cabeças quase raspadas, tatuagens, brincos nos mamilos, caras de poucos amigos. No caso do Biohazard, o visual agressivo não é jogo de cena. Eles vociferam contra o racismo, a violência, a corrupção, os tiras etc. É a resposta nova-iorquina a Ice-T e Henry Rollins – melhor do que Body Count, mais simples do que a Rollins Band... No ponto!

Os fãs do Suicidal Tendencies também vão gostar. Quem viu o clip de "Punishment" sabe que Evan Seinfeld canta como Mike Muir. A diferença é que os refrões são menos acessíveis. Do metal radical, o Biohazard pegou as bases lentas do Celtic Frost (a faixa-título tem até um daqueles "uhs!" característicos de Tom Warrior). E mais: há uma cover para "We're Only Gonna Die (From Your Arrogance)" do Bad Religion, ícone do punk americano. Massa! *JOÃO RICARDO LIMA*

THE GOATS

Sony

Tricks Of The Shade

Com todas as modernices do hip hop (tipo jazz rap), tem gente com idéias mais perversas, como House Of Pain, Disposable Heroes Of Hiphoprisy e The Goats. Assim, a edição do álbum destes últimos no Brasil é surpreendente. Como os DHOH, The Goats falam muito, até mais que um rapper médio. Mas, na comparação, estes últimos saem ganhando nos samplers e nos refrões, em faixas como "Typical American" ou "Ru Down Wit Da Goats". E tem a segunda metade do disco, com faixas incrivelmente "musicais", como "TV Cops", "Tattooed Lady" e "Aaah D Yaaa" (menção honrosa de melhor título do ano). *Tricks Of The Shade* é daqueles discos que há dez anos eram comprados no câmbio negro das importadoras. Agora, que está saindo por aqui, talvez as pessoas esnobem. Azar delas. *ZECA CAMARGO*

BOLSA DE DISCOS

6,80	HOUSE OF PAIN • Warner	6	7	7	9	5	7	6	6	6	9
6,67	DINOSAUR JR. • *Where You Been* • Warner	6	0	10	10	10	6	•	8	4	6
6,55	P.M. DAWN • *The Bliss Album...? (Vibrations Of Love And Anger...)* • PolyGram	0	6	8	8	10	8	•	7	7	5
6,37	JAMES BROWN • *Universal James* • PolyGram	•	3	8	8	10	5	7	•	4	6
6,20	10,000 MANIACS • *Our Time In Eden* • Warner	1	5	7	9	9	8	8	5	2	8
6,13	k.d. lang • *Ingénue* • Warner	3	•	6	9	5	9	•	6	4	7
5,90	JANET JACKSON • *janet.* • EMI-Odeon	1	8	9	7	0	8	5	6	7	8
5,71	GUMBALL • *Super Tasty* • Sony	2	2	7	8	•	7	•	8	6	•
4,00	BRYAN FERRY • *Taxi* • EMI-Odeon	2	0	5	7	3	6	3	7	4	3
3,17	ATAHUALPA Y US PANQUIS • *Agradeça Ao Senhor* • Barratos Affins	10	0	•	•	0	•	5	4	0	•

PARADA

EUA

1. JANET JACKSON • *janet.* • Virgin
2. ROD STEWART • *Unplugged... And Seated* • Warner
3. STONE TEMPLE PILOTS • *Core* • Atlantic
4. DR. DRE • *The Chronic* • Death Row/Interscope
5. KENNY G • *Breathless* •
6. LUTHER VANDROSS • *Never Let Me Go* • Epic
7. VÁRIOS • *The Bodyguard* • Arista
8. SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Epic
9. VÁRIOS • *Last Action Hero* • Columbia
10. SWV • *It's About Time* • RCA

GB

1. JAMIROQUAI • *Emergency On Planet Earth* • Sony
2. TINA TURNER • *What's Love Got To Do With It* • Parlophone
3. ROD STEWART • *Unplugged... And Seated* • Warner
4. NEIL YOUNG • *Unplugged* • Reprise
5. R.E.M. • *Automatic For The People* • Warner
6. SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Epic
7. 2 UNLIMITED • *No Limits* • PWL Continental
8. STING • *Ten Summoner's Tales* • A&M
9. JANET JACKSON • *janet.* • Virgin
10. THE STEREO MC's • *Connected* • 4th & B'way

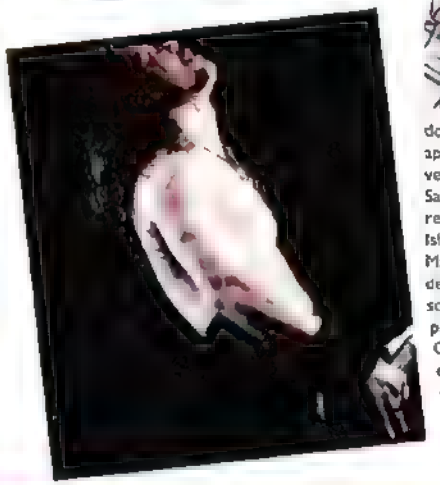
GB

1. FUGAZI • *In On The Kill Taker* • Dischord
2. MERCURY REV • *Boces* • Beggars Banquet
3. MORBID ANGEL • *Covenant* • Earache
4. ORBITAL • *Untitled* • Internal
5. BIVOUAC • *Tuber* • Elemental
6. NOMEANSNO • *Why Do They Call Me Mr. Happy* • Alternative Tentacles
7. GUNSHOT • *Primal Games* • Vinyl Solution
8. MIDWAY STILL • *Live Too Long* • Rough Trade
9. SUEDE • Nude
10. BAD RELIGION • *Recipe For Hate* • Epitaph

EUA

1. JPSHAW, LONDON SINFONIETTA (ZINMAN) • *Sonata: Symphony No. 3* • Nonesuch
2. CECILIA BARTOLI • *If You Love Me* • London
3. JORDI SAVALL • *Tous Les Matins Du Monde* • Virgin
4. BROOKLIN PHILARMONIC (DAVIES) • *Philip Glass: Low Symphony* • Pure Music
5. ANONYMOUS FOUR • *An English Ladymass* • Harmonia Mundi
6. CARRERAS, DOMINGO, PAVAROTTI/MEHTA • *In Concert* • London
7. VÁRIOS • *Heavy Classics* • Angel
8. CSO/REINER • *The Rimsky Sound* • RCA
9. CECILIA BARTOLI • *Rossini Heroines* • London
10. LESLEY GARRETT • *Prima Donna* • Sony Classical

FFD VIDEO CREW



METALLICA

A Year And A Half In The Life Of Metallica – Part I
A Year And A Half In The Life Of Metallica... Continued – Part 2
PolyGram
92. Direção: Adam Dubin.
96 min./140 min

O primeiro clip do Metallica, o serissimo "One", veio apenas no quarto álbum. Depois, de uma vez só, o grupo fez mais cinco: "Enter Sandman", "Sad But True" (os dois melhores, ambos dirigidos pelo clipeiro Wayne Isham), "The Unforgiven", "Nothing Else Matters" e "Wherever I May Roam". Três deles estão na primeira parte desse video sobre os oito meses das gravações do disco preto. Muito papo furado e pouca musica. Como *The Making Of Pump*, do Aerosmith, ele registra as discussões entre o quarteto e o produtor Bob Rock. Os caras parecem se divertir muito mais quando levam uma versão de "Last Caress" dos Misfits.

Na segunda parte, dedicada ao primeiro ano da turnê, a coisa melhora. Além do sarro tirado das frescuras exigidas pelos Guns N'Roses naquela excursão conjunta, tem mais musica, dois clips e versões ao vivo de "Harvester Of Sorrow", "For Whom The Bell Tolls", "Nothing Else Matters" e "Enter Sandman" – a prime na em Moscou e as outras no Video Music Awards, de 91. Tem ainda um trechinho desta ultima no Grammy 92 (cortado porque a banda não gostou do som).

Contudo, com um ano e meio de vida e uma câmera nos ombros, eles poderiam ter registrado coisas mais interessantes.

Com muito menos dinheiro e esbanjando no item criatividade, o Metallica produziu *Cliff 'Em All* (88), um video classico. Na comparação, estes dois lançamentos ficam incoerentes – veja que a banda passa boa parte do tempo xingando a equipe de filmagens. Agora é esperar um outro com o show completo.

JOAO RICARDO LIMA

VÁRIOS

Hard'N'Heavy – Volume 13
Warner
91. Direção: John & House. 90 min.

Esta é uma revista de hard rock e heavy metal em video. O problema é que um lançamento destes requer atualidade e dois anos e um atraso consideráveis, ainda mais em tempos de MTV. Então vai ser dificil alguém se interessar por uma entrevista "datadaça" com o Faith No More, incluindo o clip de "Falling To Pieces", que apesar de muito bacana, nem o meu cachorro aguenta mais. É assim também com o Testament da mesma época, com o Primus em "John, The Fisherman" com Joe Satriani ensinando o beabá da guitarra e com o Anthrax, fase *Persistence Of Time*. Mas tudo isso não chega a dar um terço da fita e o resto é bem interessante. Entre os destaques, Lemmy responde cartas (uma comédia), David Lee Roth, entre o asqueroso e o palhaço, conta sobra uma viagem ao Amazonas, enquanto o grupo canadense Thick As Thieves toca e fala mal sobre a cena local. Para matar todas, Michael Monroe esbanja "viadagem" numa entrevista seguida pelo clip de "Don't You Ever Leave Me", do quase paródico – e subestimado – Hanoi Rocks. Além disso, o video ainda traz um papo com Tyla, dos Dogs D'Amour e o prato forte com os Guns N'Roses no Rock In Rio. A coisa é de primeira: acompanhe seus idolos na terra do carnaval e assista Matt Sorum visitando o Corcovado, Duffy dordão num quarto de hotel botando os podres para fora e o melhor: um malaco enchendo a mão com a bunda do Axl. So um problemnha a acrescentar: a fita toda é lotada de entrevistas e a Warner brasileira tratou de não legendar coisa alguma.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

AC/DC

Live At Donington
Warner. *92. Direção: David Mallet. 120 min.*

O AC/DC é uma das maiores bandas da historia. E estamos conversados. Tire a prova com este show gravado em Castle Donington em 91, quando os australianos fecharam o maior festival de hard rock do mundo. É o tipo de video que podia ficar chato: só multidão e palco, sem parotecnias de edição (ponto para o diretor David Mallet, o mesmo de "Ashes To Ashes" e outros clássicos do clip, por entender qual é a dos caras). Mas e o AC/DC e portanto tem "Back in Black", "Whole Lotta Rosie", "Highway To Hell", "For Those About To Rock" e tal, num total de 120 minutos de putaria, bronca, circo, cerveja e rock n roll fodão.

ANDRE FORASTIERI

OUTROS LANÇAMENTOS: SKID ROW • Oh Say, You Can Scream (Warner. *90. Direção: Ivan Pecenek. 90 min.*) Coletânea que traz doze canções ao vivo em shows pelos EUA, Japão e Canadá, além de mais quatro clips de Sebastian Bach & Co., incluindo as versões integrais para "Piece Of Me" e "18 & Life". ■ **MR. BIG • Mr. Big Live** (Warner. *92. Direção: Paul Becher. 95 min.*) Trata se do registro de um concerto realizado pelo quarteto em março de 92 na cidade de San Francisco. Apresenta os maiores hits da banda e ate um bis com uma versão para "Baba O'Reilly" (The Who).

ZONA FRANCA

NINGUÉM VIVE SÓ DE GRUNGE

"Fábrica de Nirvanas"? Linha de produção de barulho? Não: a Sub Pop também ataca em outras frentes

Para definí-lo, só um rótulo como *heavybilly*. Com riffs matadores e letras/vocais escancarando no sexo, nas drogas e no rock'n'roll (não necessariamente nesta ordem), **THE REVEREND HORTON HEAT** é uma espécie de "alien" da Sub Pop, mesmo porque é de Dallas, Texas.

O grunge passa longe do reverendo e de seus dois capangas – Jimbo (baixo de pau/vocais) e Taz (bateria/vocais) –, que têm como única profissão de fé o rockabilly caprichado no peso psicótico. Algo como os Stray Cats anfetaminados e mamados, a poucos passos da coma alcoólica. Quem conhece o disco anterior, *Smok'Em If You Got'Em* (o título já diz tudo), vai vibrar ainda mais com *The Full Custom Gospel Sounds Of The Reverend Horton Heat*. Gravado ao vivo no lendário estúdio Ardent, em Memphis, o novo torpedo é ainda mais *rough'n'ready* e diversificado – com produção de Gibby Haynes, dos Butthole Surfers. Que o digam faixas como "The Devil's Chasing Me", "Bales Of Cocaine", "Beer: 30" e "Gin And Tonic Blues". Ave Maria!!! *CELSO PUCCI*

Filha Bastarda

Levando-se em conta a afinidade musical, **VELOCITY GIRL** é outra das bandas mais fora de sintonia da Sub Pop. O selo inglês 4AD seria o lar esperado para este quinteto. Vindos de Silver Spring, Maryland, o grupo está sonora e quilometricamente muito mais perto da cena de Boston iniciada pelos Pixies do que de qualquer *noise guitar band* de Seattle.

Copacetic, seu primeiro álbum, esclarece qualquer dúvida. A maioria das músicas traz um *power pop* de primeira, que poderia passar batido como alguma das melhores canções do Belly. "Crazy Town" e a faixa-título são exemplos. Outras, como "A Chang" e "57 Waltz", trazem um vocal púbere debaixo de uma chuveirada de guitarras. É como se o My Bloody Valentine tivesse cruzado com as Throwing Muses e deixado uma filha bastarda nos EUA. *JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO*

Quarteto Kamikaze

Shonen Knife encontra o L7 na garagem de Joey Ramone? É a pergunta que se faz ao se ouvir as quatro "japas" do **SUPERSNAZZ**. Consta que Spike (vocal/guitarra), Kanako (guitarra), Tomoko (baixo) e Skinny Minny (bateria) vieram do Japão para Seattle com seus namorados que tinham uma banda pretendente ao cast da Sub Pop. Só que foram as garotas que embarcaram nessa, enquanto os caras ficaram a ver navios. Em **Superstupid!!**, uma bela estréia, elas detonam um punk bem-humorado, histérico e com a dose exata de pop, em composições próprias como "Uncle Wiggly" e em covers escolhidas a dedo – "Comanche" (Link Wray) e "Papa Oom Mow Mow" (The Rivingtones). *C.P.*

Quando tudo parecia perdido e a incerteza quanto ao futuro de Seattle desanimava até o grunge mais otimista, destemidamente surge de Phoenix, Arizona, o quarteto que está recolocando a "meca" do underground de volta ao mapa.

Seguindo uma linha inversa ao "cabecismo-mala" do Pearl Jam ou o mau-humor forçado do Alice In Chains, os **SUPERSUCKERS** atacam pela linha punk, curta e grossa, em faixas como "Luck", "Ron's Got The Cocaine" e "Hot Road Rally". **The Smoke Of Hell** serve também para provar que Jack Endino continua acertando a mão em suas produções, sendo esta uma das melhores. *RENATO YADA*

MUNDO INFANTIL

Do subjetivamente absurdo universo infantil saem os temas deste trio de Portland, Oregon. A começar pela capa do homônimo álbum de estréia do **POND**. Ela é cheia de quinquilharias encontradas no quarto de um pivete, muita coisa que remete ao passado de Chris Brady (vocal e baixo), Charlie Campbell (guitarra) e Dave Triebwasser (bateria). Até o som tende para o retrô: "Gone" e "Spots" ainda que saídas da escola grunge do Dinosaur Jr., indicam que eles devem ter aprendido a tocar ouvindo The Beatles na fase do "álbum branco" e canções do mundo islâmico. *J.J.E.S.*

ZONA FRANCA

O mundo precisava de um grupo como o **MERCURY REV**. Ao invés de poses e radicalismo de araque, este sexteto vem fazendo sua fama com cenas de flagelação (a flautista Suzanne Thorpe adora agredir os colegas com o instrumento), canções sobre incesto e uma sonoridade *freak* que nos faz imaginar como teria sido o fruto de uma clonagem sincrônica dos genes dos irmãos Marx, de Little Nemo e de Syd Barrett.

O álbum **Boces** (Sony) sucede a mega-anarquia do genial *Yerself Is Steam* à altura. Nos dez minutos e qualquer coisa de duração de "Meth Of A Rockette's Kick", os rewers fazem a festa com um coro de vozes infantilizadas, trombones e trompas chupados do *mardi gras* de Nova Orleans, guitarras liquefeitas, barulheira total e aqueles efeitos de harpa que costumam servir de fundo para sequências de sonho nos desenhos animados.

Mas o melhor mesmo é quando a gente percebe que esta é apenas a primeira faixa do disco!

ARTHUR G. COUTO DUARTE

VENDENDO A ALMA

O que se pode esperar de um casamento da *electronic body music* com Andy Wallace?

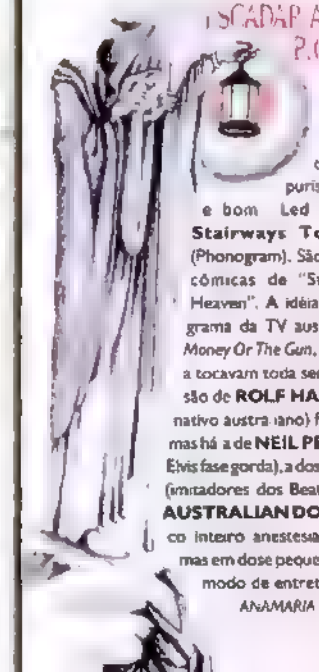
Os belgas do **FRONT 242** "abrem suas cabeças" e concebem o disco mais "humano" de sua carreira. Andy (que trabalhou com Nirvana e Sonic Youth, entre outros), contando com a ajuda de Craig Lenon (Suicide, Ramones), conduziu o grupo para a praia do *crossover*, muito frequentada ultimamente. **06:21:03:11 Up Evil** (Play It Again Sam) soa como uma colcha de retalhos. A maquiagem continua pesada, mas os climas se alternam entre *samples* de guitarra e tecno-ambiências *à la* The Orb. O primeiro single, "Religion", entrou direto em primeiro lugar na parada *indie*. Para mostrar o ecletismo em voga, eles participarão de dois importantes festivais "alternativos": Lollapalooza e Reading. A sensação que se tem é que, como o título sugere, a banda vendeu a alma ao diabo. *ENEAS NETO*

Prepare-se para a nova onda da música ambiental. A partir dos rascunhos do Sueño Latino, do KLF (no álbum *Chill Out*) e do sucesso de The Orb, há uma nova legião de músicos europeus juntando som ambiental com baixos *dub* e ritmos tecno. Eles odeiam a diluição new age e bebem em mestres como Brian Eno, Steve Hillage, Terry Riley, Can etc. O inglês Richard James tem 21 anos e grava com a metade desse número de pseudônimos. **Selected Ambient Works 1985-1992** (R&S) reúne trabalhos como **THE APHEX TWIN**. Tem desde coisas feitas quando ele tinha catorze anos (!), obviamente remixadas, até um sucesso *cult* como "Digeridoo", onde o instrumento aborígene que dá nome à faixa

EXPERIMENTOS PRECOCES

soa hipnotizante e epiléptico ao mesmo tempo. Ele fala em línguas trance e tecno e faz seus próprios sintetizadores para obter os sons que quer. Experimentação em alto grau.

Menos esquisito e sem tantas turbulências é seu **POLYGON WINDOW**. O álbum **Surfing On Sine Waves** (Warp) é uma trilha para um passeio na lua, sob o efeito de anfetaminas. Dá até um pouco de angústia. Mas é lindo e pede para ser ouvido no fone, de olhos fechados e com tudo mais que acompanha momentos assim. *CAMILO ROCHA*

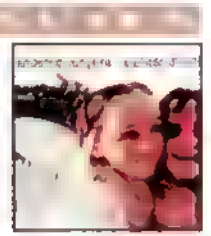


ESCADAR A PAPA O PACADEPO

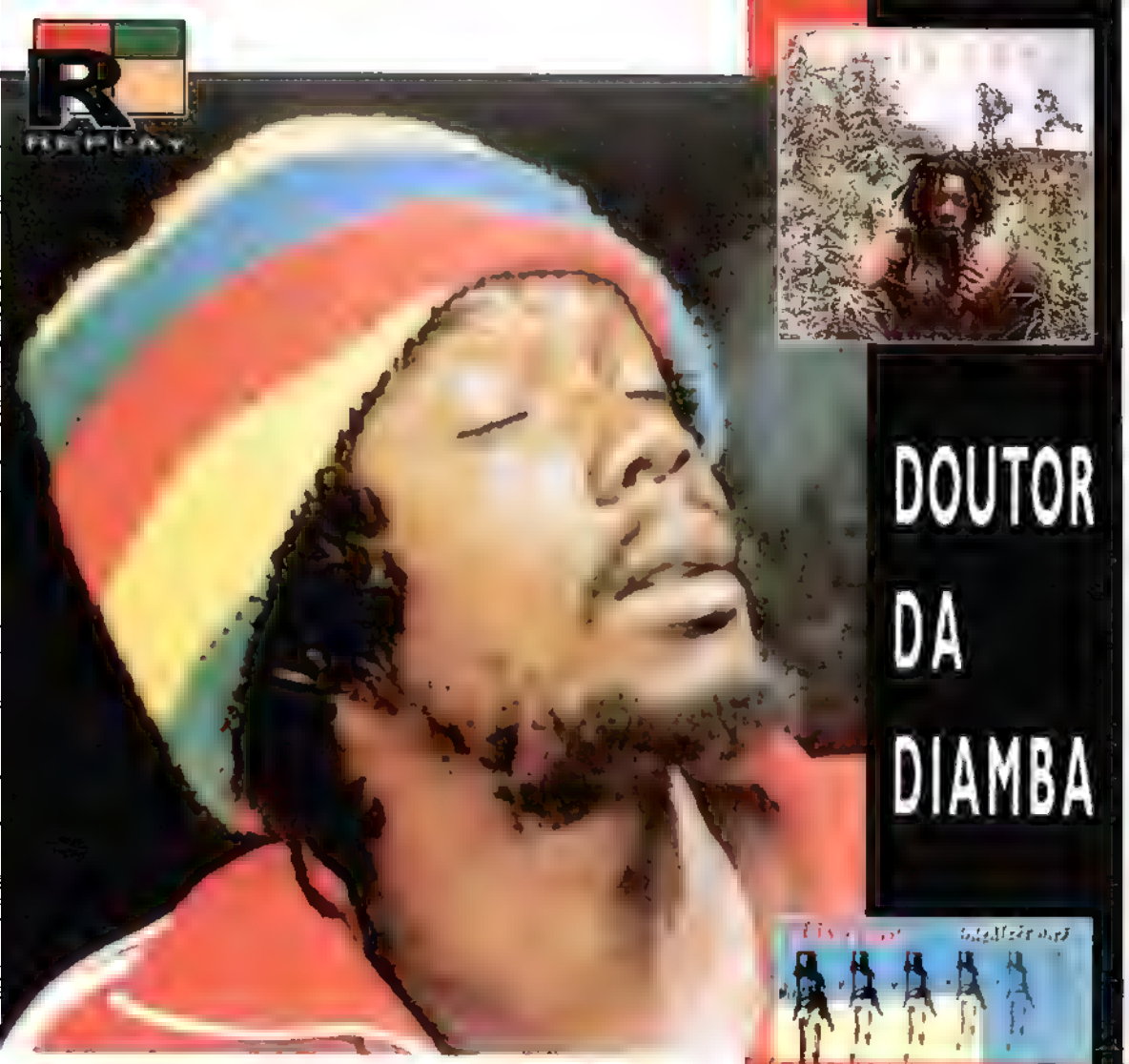
Um disco que pode enfurecer os fãs mais puristas do velho e bom Led Zeppelin é **Stairways To Heaven** (Phonogram). São 22 versões cômicas de "Stairway To Heaven". A idéia foi do programa da TV australiana, *The Money Or The Gun*, onde grupos a tocavam toda semana. A versão de **ROLF HARRIS** (estilo nativo australiano) ficou famosa, mas há a de **NEIL PEPPER** (tipo Elvis fase gorda), a dos **BEATNIX** (imitadores dos Beatles) e a dos **AUSTRALIAN DOORS**. O disco inteiro anestesia o cérebro, mas em dose pequena é um bom modo de entreter as visitas. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

MANIC STREET PREACHERS • Gold Against The Soul (Columbia) Segundo álbum do quarteto inglês ■ **MARIA McKEE • You Gotta Sin To Get Saved** (Geffen) A ex-vocalista do Lone Justice no segundo disco solo, com uma mãozinha dos antigos colegas e dos Jayhawks ■ **RED HOUSE PAINTERS** (4 AD) A boa banda de Mark Kozelek em álbum homônimo, sucessor de *Down Colourful Hill* ■ **RICK DERRINGER • Back To The Blues** (Roadrunner) O ex-parceiro de Edgar e Johnny Winter de volta à ativa ■ **SMASHING PUMPKINS • Siamese Dream** (Hut) Petardo do quarteto de Chicago, produzido por Butch Vig ■ **VOIVOD • The Outer Limits** (MCA) O trio canadense desfila seu noise "viajante". *CELSO PUCCI*

BJÖRK • Debut (One Little Indian) Como diz o título, a estréia solo da islandesa ex-Sugarcubes ■ **DAVID SYLVIAN & ROBERT FRIPP • The First Day** (Virgin) A ex-voz do Japan e o "frippertrônico" guitarrista do King Crimson juntam forças ■ **DEBORAH HARRY • Debravation** (Chrysalis) Retorno da *blondie* fatal da new wave ■ **THE GUN CLUB • Lucky Jim** (Pennies From Heaven) O *psycho-blues* de Jeffrey Lee Pierce ataca de novo ■ **HUGH CORNWELL • Wired** (Transmission) Primeiro disco solo do guitarrista depois de sair dos Stranglers. A capa é puro *Hellraiser* ■ **JUNGLE BROTHERS • J. Beez Wit The Remedy** (Warner) Após quatro anos, o grupo de rap nova-iorquino volta com este disco ■



REPLAY



DOUTOR DA DIAMBA

jamaicano
ncrenqueiro
seus hits
m dois CDs

PETER TOSH, o ex-companheiro de Bob Marley nos tempos de The Wailers, era a "ovelha branca" da família. Com um temperamento rude, curtido em sessões de artes marciais, o rosto gravado com frondosas cicatrizes, ele se encrencou a vida toda com anônimos e superstars – incluindo a um inconformado Keith Richards, que uma vez deixou o *mystic man* morando em sua casa de férias na Jamaica e depois quase não conseguiu tirá-lo de lá: "Ele só falava em matar".

Em 87, Tosh morreu diante de um cano, num episódio digno da *cose nostra*. Se você não tem tripas para essas coisas, fique só com os *replays* do negão.

O histórico **Legalize It**, de 76 (lançado agora exclusivamente em CD pela Sony pela série *Best Price*), era inédito no Brasil. Por isso tornou-se mais que essencial, mesmo com todo o atraso – e com uma ingrata vantagem: o refrão da faixa-título, que pede a liberação da diamba, continua *up to date*!

Já **Greatest Hits** (outra edição em CD, pela EMI-Odeon) saiu em 83, mas agora voltou revisto e aumentado, com "Coming In Hot", "Pick Myself Up", "Downpressor Man", "Equal Rights" e outras. Para quem é do ramo, como a turma do reggae no Maranhão, é carne de vaca. Mas para quem está se iniciando, ambos são ótimas pedidas. *OTAVIO RODRIGUES*

A COR PÚRPURA

Ninguém em sã consciência duvida de que a nata do **DEEP PURPLE** encontrou-se entre 68 e 76. E foi justamente esta fase que o criterioso pesquisador Simon Robinson quis enfocar na coletânea **The Singles A's & B's**, editada há pouco por aqui pela EMI-Odeon.

Trata-se de um apanhado dos principais compactos lançados pelo grupo. Parte desse material já havia saído em vinil sob o mesmo nome (o disco trazia uma garota de maiô roxo na capa), mas a reedição em CD trouxe itens que não constavam do original – muitos deles pela primeira vez em som digital. Completando o apuro da produção, há um livreto com textos elucidativos e reproduções das capas de "bolachinhas" editadas no Japão, Grécia, Iugoslávia e Portugal. Em suma, um petisco para purplemaníaco nenhum perder. Fãs que só conhecem a banda das gravações na Polydor e na RCA vão se surpreender com sua fase inicial – vide o hit "Hush" e "Kentucky Woman" (cover de Neil Diamond!). E ainda com coisas como a rara balada *bluesy* "When A Blind Man Cries", as duas versões de "Black Night" (a de estúdio e outra ao vivo, sobra das gravações de *Made In Japan*) e o instrumental "Coronarie's Redig". *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

Brilhando nos early 70's: Ritchie Blackmore, Ian Gillan, Roger Glover, Jon Lord & Ian Paice

POP COM FÔLEGO

Um subtítulo que não corresponde ao repertório. É o que ocorre com a coletânea **The Air That I Breathe: The Very Best Of The Hollies**, lançada exclusivamente em CD pela EMI-Odeon. Ela reúne 25 hits, comemorando os trinta anos de história fonográfica do grupo **THE HOLLIES**, completados em maio de 93. Como *bonus track*, o último single deles, "The Woman In Love".

A edição merecia mais cuidados: o texto frio de Andy Davis omite músicos que integraram a banda nos primeiros anos – o baterista Don Rathbone e os baixistas Eric Haydock e Bern Calvert –, as datas das gravações foram esquecidas e a capa é insossa. O grupo foi a ponta-de-lança do som de Manchester nos anos 60, tinha estilo e sabia "vestir" música comercial com qualidade. Suas recriações tornaram-se clássicas, como "Just One Look" e "I Can't Let Go" (um medíocre original de Evie Sands), incluídas no álbum. Outros méritos da banda: a harmonia vocal em três partes mais que perfeita e, simplesmente, o melhor baterista dos anos 60 – Bobby Elliot. *RENÉ FERRI*

BERÇO DO ROCK

A Sun foi a mais lendária e influente gravadora do rock'n'roll, com um cast que tinha **ELVIS PRESLEY, JERRY LEE LEWIS, ROY ORBISON, JOHNNY CASH, CARL PERKINS** e outros tantos. A coletânea **Sun Greatest Hits** (BMG-Ariola) traz algumas das músicas mais marcantes destes artistas.

As faixas retratam o começo do gênero e mostram o gênio de Sam Phillips, produtor e guia de todo esse pessoal. Fundador da Sun em 52, em Memphis, Tennessee, ele vivia pensando em fundir o blues com o country e criar algo novo. Isso aconteceu em julho de 54, quando Elvis gravou "That's Alright, Mama". O resto é história e uma parte dela está nos dezesseis hits deste CD. *PAULO CAVALCANTI*

Compilação captura os hits da gravadora Sun

REPLAY

Dois CDs e um livro retratam o legado do "maluco beleza"

Quatro anos depois de sua morte prematura, **RAUL SEIXAS** ainda está nos corações e mentes dos fãs, que têm boas novas, com a edição em CD de dois álbuns do maluco beleza: **30 Anos De Rock**, pela PolyGram, e **Abre-te Sesamo** pela Sony. O primeiro saiu em 73 (*Os 24 Maiores Sucessos Da Era Do Rock*), foi relançado em 75 (*20 Anos De Rock*) e em 85 com o título atual. Tinha Raul em hits do rock'n roll anos 50/60 e da Jovem Guarda em *medleys* que reuniam "Rock Around The Clock" a "Blue Suede Shoes", "Jambalaya" a "Rua Augusta", "Marcianita" a "É Proibido Fumar" etc., revelando suas influências básicas.

O outro disco, de 80, trazia a segunda leva de parcerias com o letrista Cláudio Roberto – iniciada no álbum *O Dia Em Que A Terra Parou* (77), quando substituiu Paulo Coelho, então parceiro de longa data de Raul. Apesar de não ser um dos seus melhores álbuns, pegava fogo quando o *rocker* baiano atacava com "Aluga-se" e com o "Rock Das Aranhas" (que teve a execução radiofônica proibida na época por versos como "Vem cá mulher, de xa de manha/Minha cobra quer comer sua aranha").

E para se aprofundar mais na obra de Raulzito, recomenda-se o livro **Raul Seixas – "Eu Quero Cantar Por Cantar"**, do "sexólfilo" **AYRTON MUGNAINI JR.**, o primeiro lançamento da série *Biblioteca Musical*, da editora Sampa. Com estudo crítico, cronologia, discografia, fotos de covers e detalhes mil, é uma bela fonte – apesar da apresentação modesta – para se entender a metamorfose ambulante chamada Raul Seixas. *CESAR PUCCI*

A DESCOBERTA DOS EUA

A série *Special Products* lança o avô dos eletrônicos

Se o tempo fez justiça aos experimentos do Velvet Underground, espera-se agora que o mesmo possa ocorrer com o subestimado **THE UNITED STATES OF AMERICA**. É que, lá fora, a série *Special Products*, da Sony, reeditou em CD a única gravação do grupo, um marco na junção rock/música eletrônica.

Sui generis, o USA surgiu em 67, na Califórnia, tendo como líder o maestro e etnomusicólogo Joseph Byrd. Foi ele o responsável pelo uso pioneiro dos sintetizadores de teclas num contexto pop, além de pesquisar a chamada música aleatória através dos *ring modulators*.

Mas as peculiaridades do grupo não acabavam aí: o baterista Craig Woodson tocava em um bizarro *kit* acionado por botões (o tataravô das *drum machines*). Já Rand Forbes inovava com seu baixo sem trastes, enquanto Gordon Marron – o Hendrix do violino – modificava o som do instrumento acoplando-o a unidades de eco, um divisor de oitavas, amplificadores de distorção. No disco, o USA mostra fino senso de humor ao parodiar "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band" em "The American Metaphysical Circus" e a onda hippie na suíte "The American Way Of Life". Um *replay* antológico. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

INFLUENCIANDO OS BEATLES

Um resgate do trabalho de Del Shannon

No período entre o declínio de Elvis e a ascensão dos Beatles, **DEL SHANNON** foi um dos poucos roqueiros que mostraram vitalidade e criatividade. Os maiores sucessos deste cantor, compositor e guitarrista estão no CD **Runaway**, lançado por aqui pela gravadora portuguesa Movieplay.

"Runaway", lançada em 61, foi um sucesso internacional. Era Max Crook, que a escreveu com Shannon, quem tocava o musitron, uma espécie de antepassado do sintetizador.

Del Shannon tornou-se o primeiro artista americano a fazer uma cover dos Beatles. Sua versão para "From Me To You" entrou na parada antes de qualquer música do grupo de Liverpool. E não ficou aí: o *fab four* foi muito influenciado por Shannon, de quem copiou o estilo pesado de tocar as guitarras e enfiar falsetes no meio das harmonias.

Se você nunca teve a chance de conhecer clássicos como "Swiss Maid", "Hats Off To Larry" e "Little Town Flirt", não perca tempo. Shannon ajudou a redefinir o pop americano em todo o início dos anos 60. *PAULO CAVALCANTI*

JUKEBOX

Com vocês, o verdadeiro "pior disco de todos os tempos": *POTW*

The Shaggs

Discos de rock ruins, sem o caráter nefasto que eles costumam ter, podem ser divertidos e interessantes, sem falar nos conceitualmente malfeitos – vide Mothers Of Invention, Pearls Before Swine, The Fugs e The Godz, em que o baixo nível de qualidade era a meta cinicamente perseguida. Um disco tão ruim a ponto de receber da revista *Rolling Stone* em dezembro de 80 o epíteto de "o pior já feito" se tornou objeto de culto pela autenticidade e ausência de conceitos: o álbum do trio feminino **THE SHAGGS, Philosophy Of The World** (abreviado para *POTW* daqui por diante), editado em 69 no selo Third World, de Jamaica Plains, Massachussetts.

O culto a *POTW* veio com Frank Zappa, que roubou-o dos arquivos de uma rádio de Boston no início dos anos 70 e classificou-o entre seus álbuns preferidos num questionário da *Playboy*. Com a adesão de famosos ao restrito clube de fãs do *POTW*, a história por trás do disco e do grupo foi sendo revelada. Em meados dos anos 70, trocaram cartas com Andy Paley, então só um garoto colecionador de discos, que me indicou-o. Depois vieram declarações de paixão de Lenny Kaye e de Jonathan Richman. O grupo *cult* NRBQ declarou-se "shaggmaníaco" a ponto de viajar até a terra natal do trio, a bucólica Fremont, New Hampshire. Andy Paley também iria fazer essa peregrinação várias vezes, imitado por multidões de fãs e colecionadores, pois *POTW* tinha se tornado um dos discos mais raros e caros do mundo. Paley ainda iria visitar o estúdio onde o álbum foi gravado, entrevistando as pessoas envolvidas, amarrando as pontas soltas da saga.

Em 80, o disco foi reeditado pelo selo americano Rounder e pude ouvi-lo para crer.

O trio – as irmãs Betty, Helen e Dorothy Wiggins – executa doze *hamm* [illegible], cantando e "tocando" bateria e duas guitarras (sem baixo) absurdamente desafinadas. Frases são soltas sem nenhuma regra pelas guitarras, enquanto a bateria – sempre em desarmonia – enfileira solos curtos e bat das atravessadas.

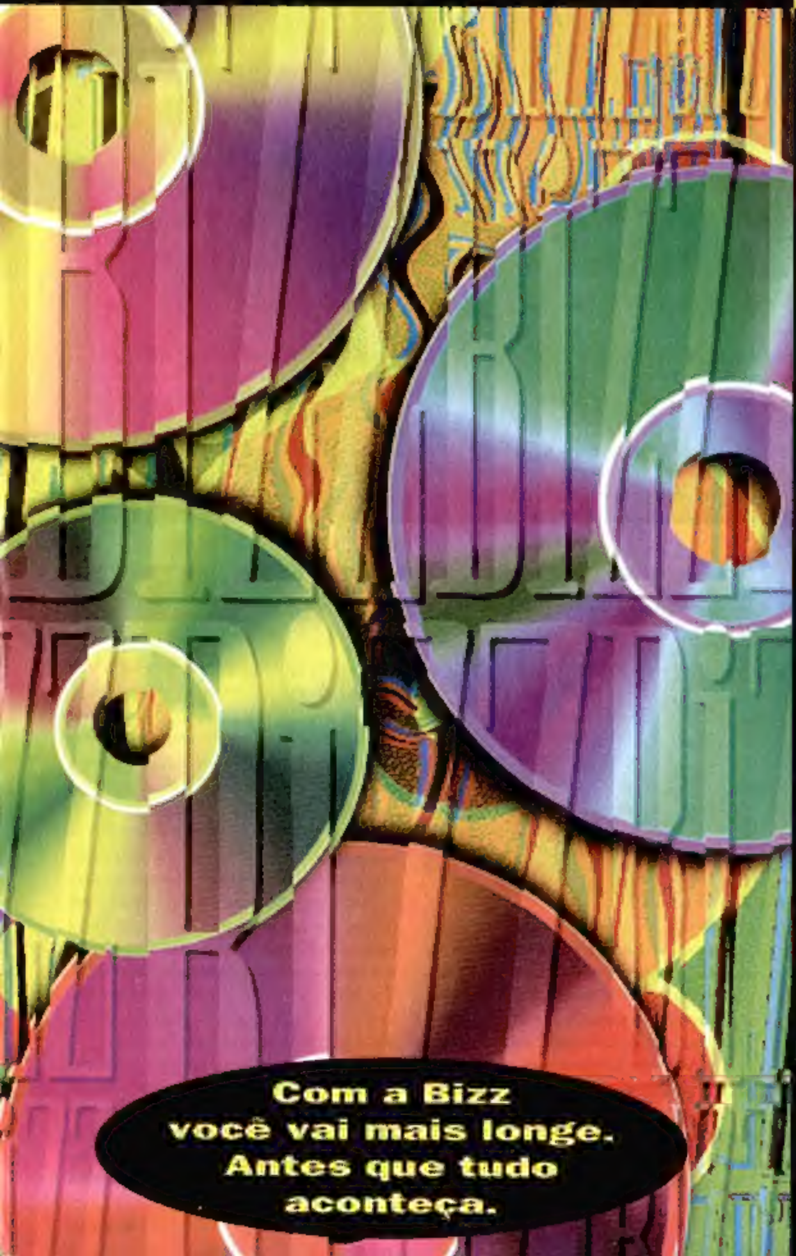
As letras, todas de Dorothy, eram tão inocentes que a gente mal acreditaria terem sido feitas com seriedade. E afinal qual era a "filosofia do mundo", segundo ela?

Lá vai: "... pessoas gordas querem o que pessoas magras têm/pessoas magras têm o que pessoas gordas querem..." Na sua mais absoluta naiveté, um único verso escrito por ela tinha mais honestidade e decência do que toda obra do Humberto e daquela gauchada horrorosa, por exemplo.

No começo, não se distingue uma música da outra em *POTW*, depois se notam as nuances, as dissonâncias, o bom gosto pretenso é corrompido com um disco que até sua mãe e seu melhor amigo, vão achar execrável. Terry Adams, do NRBQ, detecta influências de música chinesa, zydeco e dodecafônia em *POTW*. Compara Dorothy a Ornette Coleman. Ela, a bela e tudo, leva a vida mais pacata do mundo, ao lado da família em Fremont.

É triste constatar que mesmo os "melhores discos ruins" já foram feitos. A certeza de que jamais outro *POTW* será cometido causa-nos desesperança. Tudo o que resta de música ruim e a porcar a despejada aos montes, todos os dias, nos nossos ouvidos. *RENÉ FERRI*

VEJA AQUI O QUE AINDA VEM POR AÍ.



BiZZ

Todo mês, a Bizz antecipa as maiores novidades da Música. **Nas próximas edições:** você vai ficar por dentro dos megalançamentos do Sepultura, Pearl Jam e Jorge Benjor, com direito a entrevistas exclusivas. Da nova onda de CDs interativos, inaugurada por Peter Gabriel. Das inovações da Sega, a gigante dos videogames, que entra com tudo no mundo do Rock. Prepare-se para dar um salto para o futuro. **Sintonize a Bizz** e fique antenado com as revoluções que vêm por aí.

GATOS PRA VOCÊ CURTIR. MÚSICAS PRA VOCÊ CANTAR.

REVISTA TOP HITS

TITÃS E MICHAEL JACKSON
DUAS REPORTAGENS CHOCANTES
JOEY LAWRENCE
O GATO QUE ESTÁ ESTRAÇALHANDO CORAÇÕES EM TODO O MUNDO
O SOM DOS VJs
AS NOVAS BANDAS QUE VÃO SACUDIR AS PARADAS
E MAIS
20 LETRAS TRADUZIDAS DOS SUCESSOS QUE VOCÊ MAIS CURTE

SUPERPOSTER

UGLY KID JOE

REVISTA TOP HITS

NAS BANCAS
A PARTIR DE 30/08

EDITORA AZUL

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Sales Filho
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editor Assistente (texto): Camilo Rocha
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antônio Fernando Mota, Renata Valade Lêmos
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), André Barcinski, José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Abonico Ricardo Smith, Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Celso Fioravante, Cláudio Campos, Daniel Benevides, Fábio Massari, Jeferson de Souza, Jimi Joe, João Ricardo Lima, José Júlio do Espírito Santo, Luís Antônio Giron, Luís Ricardo Mauceri, Marisa Adán Gil, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Pepe Escobar, Rene Ferri, Thales de Menezes, Vera Camargo. **Fotografia:** Rui Mendes, Sérgio Neder, Pinho Borges, Luciana de Jesus. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Tradução:** Patrícia Queiroz. **Ilustradores:** Macarrão, Matangra, Speto, Tora Inc. **Arte:** Flávio Vianna

PUBLICIDADE

Diretor: Cláudio Santos
Supervisores de Contas: Maria Gisele Magno, Ruth Galdeano Barros, Otávio de Oliveira
Contatos: Ana Maria Leão, Márcia Hindi (Dir.), Tânia Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Léka Canavale
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assis, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Aroaldo C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Gali Persoon

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Doria Castelo

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 57, agosto de 1993). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 3806-7666, Caixa Postal 65254, CEP 05399-970, telex (011) 83 78, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - sala 1533/05, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 510-7113, fax (021) 510-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Av. Raga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Azul garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total, paga antecipadamente, e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins exclusivos de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio do seu jornaleiro ou distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda., Postscript Artes Gráficas.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

APRENDA A TOCAR COM FERAS

E mais 30 títulos

Agora ficou fácil ter aulas com os melhores músicos de cada instrumento. É só adquirir o seu vídeo aula na M.P.O.

MPO VÍDEO
Rua Urbanizadora, 140
Sumaré - CEP 01252-040
São Paulo - SP
Tel.: (011) 263-1522
Fax: (011) 62-7608
Solicite Catálogo

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS

GUITARRAS:
Fender • Gibson • Ibanez • Charvel • Jackson • Ana Pro • Dolphin • Golden • Giannini

ACESSÓRIOS:
Transmissor Nady • Sequencier Yamaha • QY-10 • Pontes Floyd Rose e Khaller • Captadores EMG, Dimarzio e Seymour Duncan • Toda linha de Boss e Oliver • Gravadores Fostex e Tascam • Digitech GSP-21 e RP-1 • Korg A-4 • Zoom 9000 com pedaleira • Alesis Quadraverb GT • Amplificadores Crate • Tarrachas e pontes Gotoh • Microfones Shure

PRATOS - PELES - FERRAGENS
Sabian • Zildjian • Paiste • Camber • Remo • Tama • Pearl • Maxtone

VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
CONSERTOS E REGULAGENS
NOVOS E USADOS (NAC. E IMP.)
ATENDEMOS TODO O BRASIL

Rua Teodoro Sampaio, 865
Fone: (011) 883-6779
NOVA LOJA
Rua Teodoro Sampaio, 763 Lj. 17
Fone: (011) 851-1651
CEP: 05405 - Pinheiros - SP

PIORES

E eu que pensei que os únicos que entendiam de música nesse país seríamos críticos, mas me enganei.

Esses caras do rock progressivo que vocês falaram na lista, é que são artistas de verdade. Não são quaisquer Nirvana da vida, que fazem uma ou duas músicas interessantes e vocês comem como um prato de merda. Vocês fizeram algum curso para serem críticos?

Direi os discos que são ruins: 1 - *Angel Dust*, do Faith No More; 2 - *X-Tra Naked*, de Shabba Ranks; 3 - *Nevermind*, do Nirvana.

Fernando Neves
Nova Iguaçu/RJ

É inadmissível que as maiores bandas do mundo – Yes, Rush e Pink Floyd – possam ter seus discos eleitos como os piores de todos os tempos. Isto sem contar com os discos do Rick Wakeman (o melhor músico do mundo), dos Dire Straits e do U2.

Márcio Barrim Bandeira
São José dos Pinhais/PR

Ao assinar esta revista, pensei que estava assinando um informativo sério sobre música. Mas o que eu percebi na edição do mês de junho está mais para a "Mad da música". Para citar o exemplo do baixo nível em que vocês desceram nesta última edição basta ler a matéria sobre os supostos piores discos...

Valter Angelo Silva
Cascavel/PR

Quem condena *Meat Is Murder* pelas letras de Morrissey não deve ter coração. O disco é emoção a cada letra. Só pode ser coisa de fã do Big Black que acha que amor é transar com alguma estrela pornô juvenil.

Helio Luis Medina
Cosmópolis/SP

O som, o fenômeno The Smiths, não é para quem ouve (somente) e sim para os poucos que sentem.

Lúcia Gonçalves
São Paulo/SP

No geral, eu concordo com o resultado. Com algumas exceções: Jethro Tull, Paul Simon, The Smiths, New Order e The Beatles. Caso vocês queiram fazer uma lista dos piores discos nacionais já cito como primeiro lugar disparado o *Tudo Foi Feito Pelo Sol*, com os Mutantes descaracterizados.

Leandro A. P. Savelo
Santos/SP

Como tiveram a petulância de incluir *Let It Be*, dos Beatles, na lista dos piores discos? E *Brothers In Arms*, dos Dire Straits? Vocês gostam mesmo é de pichar os grandes nomes do rock.

Paulo Ricardo Schwinn
Rio de Janeiro/RJ

Estou escrevendo para dizer que eu não achei nada de "científico" na reportagem feita sobre os piores discos.

Sandra Detoni
São Paulo/SP

Pelo amor de Deus! Quem foi o desgraçado, ou quais foram os desgraçados, trogloditas, estúpidos, tapados, retrógrados, filhotes de prostituta ruim, que colocaram *Meat Is Murder* – paixão da minha vida – entre os piores discos?!!?!! Não se pode mais gostar de jornalistas nesse país! Miséria de imprensa nacional! Miséria, miséria! Vocês ainda vão secar, miseráveis, hei de vê-los mortos como diria Morrissey, em um acidente de carro... Que miséria, logo os meus Smiths, logo eles!!! Não! Eu preciso matar vocês, preciso assassiná-los de qualquer jeito!!

De seu ex-leitor, ex-assinante e futuro assassino

Breno
Salvador/BA

O idiota que fez aquela crítica ao Bruce Springsteen não sabe reconhecer o talento de um cara sem frescuras que não é como muitos que estão por aí fazendo sucesso às custas de um visual hermafrodita, como Michael Jackson, Prince, David Bowie e tantas outras bichas.

Francisco Barreto
Itapagé/CE

Indignação. Vocês deveriam aprender que influências nefastas são exercidas por grupos como Guns N'Roses e Skid Row, não por grupos sérios e conscientes como U2 e The Smiths.

Eduardo Ribeiro Bandeira
Salvador/BA

Bom... daquela lista dos piores, eu realmente não gosto de nenhum. Mas citar *Nevermind*, do Nirvana, é crime.

Aldo Maes dos Anjos
Brusque/SC

Vocês esqueceram do grande fiasco do Michael Jackson, *Bad*.

Jailson C. de Oliveira
Ribeirão Preto/SP

Somente o respeito e admiração ao conjunto da obra musical de Bruce Springsteen, dos Beatles e de John Lennon faz-me escrever para esta infame revista, após ler sobre os "piores discos de todos os tempos". Senhores, a BIZZ [illegible]!

Airlon Vieira de Souza
Brasília/DF

Discos indiscutíveis como *Brothers In Arms*, *Hemispheres* (Rush), *Let It Be* e tantos outros foram citados. Até o inimitável Pink Floyd foi ofendido.

João de Souza Antunes Jr.
e Cristian M. Donadel
Pedras Grandes/SC

Puta que o pariu! Quero saber quem foi o filho da puta que teve a coragem de colocar o disco *Meat Is Murder*, dos Smiths, na lista dos piores discos de todos os tempos?

Grasiela de Fátima Bosso Pancheri
Campinas/SP

Incoerência. Há anos, o disco *Brotherhood*, do New Order, esteve entre os melhores do ano (votação da crítica). O disco *Brothers In Arms* apareceu como um dos discos chaves da década de 80. Tom Waits então, sempre foi venerado.

Qualquer dia vocês vão dizer que o *Sign O' The Times*, do Prince, é chato!

Guilherme Saldo
Curitiba/PR

É difícil nos fazer engolir isso. Descobrir que alguns dos meus álbuns preferidos como *Brothers In Arms*, *Let It Be* e *Rattle And Hum* são os piores do mundo. Ora, vão se fuder!

Fico me perguntando: será que alguém acreditou nessa lista? Infelizmente acho que sim, e não poderiam ser outros a não ser os fãs de medíocres bandas como Guns N'Roses, Skid Row, Nirvana, Pearl Jam etc.

Carlos Cesar D. L. Mattos
São Paulo/SP

Com a exceção de três itens para mim a lista pode até ser perfeita, pois tem muita coisa ali que nunca ouvi e espero nunca ouvir.

Mas acho que vocês cometeram uma gafe feia em meio a 97% de acertos da famigerada relação. O disco *Brotherhood*, do New Order, é uma obra-prima. O mesmo digo de *Meat Is Murder*, dos Smiths e *Graceland*, do Paul Simon, que não são discos excepcionais no seu todo, mas a considerá-los entre os piores de todos os tempos, creio eu, vai uma grande distância.

Mas, o que fazer? Nada? Para detonar, estou mandando minha lista de "arremesso" de discos:

1º) *Welcome To The Real World*, do Mr. Mister; 2º) *Use Your Illusion I & II*, dos Guns N'Roses; 3º) *Dress For Excess*, do Sigue Sigue Sputnik.

Marcos Souza Gomes
Porto Velho/RO

Para o idiota que colocou um disco do Rush como um dos piores já lançados: foda-se, filho da puta!! Vai ouvir o Nirvana!! Grato.

Reinaldo da Paz
Ribeirão Pires/SP

As mudanças não trouxeram nada de novo. Impera a falta de criatividade, de bom gosto e principalmente de bom senso. A matéria com os piores discos já gravados é deprimente, sob todos os aspectos; não a considero ruim por ter atacado determinada banda, mas por sua absoluta parcialidade. Onde estão os *Use Your Illusion*, dos Guns N'Roses, o Technotronic e outras perdas de tempo?

Rodrigo Fernandes
Poços de Caldas/MG

Relacionar os Beatles, John Lennon, Frank Zappa e tantos outros numa lista piores discos é no mínimo infame.

Luiz Antonio Campozano Begosso
Osasco/SP

Tenho que agradecer a lista dos "piores discos do mundo". Agora já sei quais discos vou comprar. Só obras-primas, do tipo: A-Ha, Duran Duran, New Kids On The Block (estes só devem ter clássicos). Essa matéria foi a grande pisada na bola.

Mauricéia de Souza
São Caetano do Sul/SP

Nunca (mas nunca mesmo) me senti tão ofendido com uma matéria da BIZZ quanto com aquela infeliz relação dos "piores de todos os tempos". Afinal o que se pode dizer de uma relação que coloca como "oitavo pior disco" o *Meat Is Murder*, dos Smiths? Foi a brincadeira mais sem graça que já li nesta revista.

O pior é que o comentário que acompanha cada disco é impessoal – parece que é opinião da revista. Vocês, que se consideram tão fodões e corajosos, por que não publicaram a lista de cada crítico? E não me digam que faltou espaço, afinal vocês gastaram dez (dez, meu Deus!) páginas com a mais medíocre e pretensiosa banda do mundo, os Titãs (com direito a conveniente puxação de saco por parte do sr. Carlos Eduardo Miranda). É de chorar.

Fabrício Müller
Curitiba/PR

Primeiro: não foi a redação da BIZZ que elegeu aquela lista e sim um conjunto de vinte críticos. Segundo: não publicamos a votação pessoal de cada um porque não tinha espaço – e agora é que não vamos publicar mesmo, porque vocês são uns fanáticos sem senso de humor e perigam sair por aí caçando a pau quem detonou os Smiths (como o Rogerio, por exemplo).

PEPE ESCOBAR E A TV

Muito oportuna a crítica de Pepe Escobar a respeito dos programas de TV para "jovens".

Anne Mcgregor
Londrina/PR

Estou escrevendo para agradecer a Pepe Escobar por tentar (e espero que tenha conseguido) abrir a mente da maioria dos *teenagers*. Os programas destinados à minha faixa etária (tenho catorze anos) têm o objetivo de cada vez mais e mais envolver o jovem no mundo do "faz de conta", onde todos usam Nike, vão ao McDonald, bebem Coca-Cola e tudo mais que venha dos U.S.A.

Dominica Palomaris Mariana de Souza
São Paulo/SP

"Dom" Pepe Escobar deixa de lado programas sensacionalistas – que só querem audiência (Aqui Agora etc.) – para meter o pau nos únicos que se salvam.

Jefferson S. K. Waismann
Matsumoto/Japão

Tudo bem dizer que os programas para jovens são vazios e descerebrados, geralmente são mesmo. Agora, que seja igual a seus espectadores!... Ah! Vá tomar no cu! Falar que jovem não tem ponto crítico?! Tanto tem, que eu estou escrevendo esta carta como uma crítica à sua matéria. Jovem não tem ponto crítico o caralho!

E outra coisa, tenho tanto ponto crítico que se dependesse de mim você estava fora da BIZZ, devido às bostas que foram os seus últimos artigos! E mais, se eu fosse você, refletiria um pouco mais sobre o que diz, antes que toda esta merda caia no ventilador e te foda todo!

Marcela Shiffer
São Paulo/SP

OKOTÔ

Quando recebi a BIZZ de maio me deu uma puta vontade de rogar: Ih, será que a cara da nova música pop brasileira é japonesa? Sem falar daquele arremedo de Okotô, ou melhor, "Okokô". A música "Give Me Your Money" é horrível, bem como os vocais daquela cantora pseudo-oriental, singelamente chamada Cherry. E para completar ela está na capa da BIZZ, com aquela cara de peixe morto. Tenham dó! Apesar dos deslizes, eu ainda adoro a revista.

Vilmar Rebellato
Capinzal/SC

TITÃS

Frustrante é o que eu posso dizer daquela matéria interminável e de incontáveis páginas com os Titãs e, logo em seguida, com o Jack Endino.

O Carlos Eduardo Miranda está irreconhecivelmente chato, pior até que o Denerval Ferraro Junior.

Vocês não sabem quem é o figura? Pois nem queiram saber.

Alessandra Furtado Gomes
Joinville/SC

Profissionalismo + bom humor + careta = boa reportagem.

Essa foi a fórmula usada pelo Carlos Eduardo Miranda para fazer aquela matéria com os Titãs.

Foi uma das melhores matérias que eu já vi na BIZZ.

Beto
Paranaguá/PR

Gostei para caralho da matéria com a melhor banda de rock do Brasil. Agora espero que vocês atentem e continuem a publicar o que é realmente bom, como INXS, Depeche Mode, Duran Duran.

E por favor, chega de falar em Guns N'Roses, em Engenheiros Do Hawaii e em todas aquelas bandinhas bunda-mole de Seattle.

Dalmar Scotini Sorto
Elói Mendes/MG

Realmente a BIZZ mudou. Teve até Titãs!! Parabéns.

Só não gostei dessa bobeação em torno do produtor. Será que o Jack Endino mereceu duas páginas da reportagem? Afinal, são os Titãs que estão lançando disco novo.

Letícia Cesarino
Belo Horizonte/MG

ATAHUALPA

Eu não quero ser confundido com um fã revoltado com o esculacho da sua banda do coração, na verdade eu nem me lembro das músicas do Atahualpa Y Us Panquis e acredito que o maior mérito da banda seja mesmo o nome.

Mas dizer, como o fez o Alvaro Pereira Jr. em sua crítica, que o Rio Grande do Sul é responsável pelo Atahualpa é o mesmo que responsabilizar São Paulo pela viabilização da onda sertaneja (o que é pior!).

Raul Katzynsky
Porto Alegre/RS

Prezado sr. Álvaro Pereira Jr. Quanto ao disco do Atahualpa Y Us Panquis, não faço nem idéia do que se trate. Mas fico surpreso que tenhas dito que a "herança sulista" seja deletéria.

Caso estejas generalizando e reduzindo o rock gaúcho a grupos como Engenheiros Do Hawaii e Nenhum De Nós, quero dizer que já fui fã do Engenheiros em seus dois primeiros discos, mas eles foram ficando realmente insuportáveis depois disso, casualmente depois que se mudaram para o centro do país.

Alessandro Luiz Lauck
Igrejinha/RS

SUGESTÕES NOTA 10

Fico puta com os rótulos. Fico puta porque nunca sei o que é se classifica como o quê. Vocês deveriam fazer uma lista com definições de rótulos citando exemplos. Ficaria bem mais fácil entender muita coisa.

Que tal uma seção "Pergunta Que Eu Respondo", com perguntas do tipo: como se define o que é música industrial? Qual a diferença entre gothic music e pós punk? O André Forastieri é bissexual?

Um beijo e dois tapas na cara de todos da redação.

Paula Tomie
São Paulo/SP

Estes dias eu estava lendo a sessão de cartas da BIZZ e notei que uma "vaca modinha" estava criticando os Sex Pistols e disse que a BIZZ precisa de mais qualidade. Em primeiro lugar, a revista nunca teve nenhuma qualidade. Em segundo lugar, aquela puta nunca deve ter ouvido o som deles. Em terceiro, eu adoraria fazer alguns hematomas na cara daquela porca infeliz que não entende porra nenhuma de música.

Leonardo Brandalise
Pato Branco/PR

ERRATA Está certa a correção do leitor Marcos Antonio Stelzer Junior: quem canta na faixa "Numb", do novo disco do U2, não é Bono Vox e sim The Edge.

AVISO vocês que estão escrevendo querendo comprar números atrasados da BIZZ, liguem para (011) 268-2522. Não guardamos edições antigas na redação. E também não publicamos endereços de fã-clube!

D.B discoteca básica

IKE AND TINA TURNER

Proud Mary: The Best Of Ike And Tina Turner

PERFORMANCE

Lançamento: 1991 **Produção:** Todas as faixas produzidas por Ike Turner ou co-produzidas por ele junto a Juggy Murray, Claude Williams e outros, exceto "Up In Heah" e "Acid Queen" (produzidas por Gerhard Augustin e Denny Diante/Spencer Proffer, respectivamente) **Faixas:** "A Fool In Love"/"I Idolize You"/"I'm Jealous"/"It's Gonna Work Out Fine"/"Poor Fool"/"Tra La La La La"/"You Should'a Treated Me Right"/"Come Together"/"Honky Tonk Women"/"I Want To Take You Higher"/"Workin' Together"/"Proud Mary"/"Funkier Than A Mosquita's Tweeter"/"Ooh Poo Pah Doo"/"I'm Yours (Use Me Anyway You Wanna)"/"Up In Heah"/ "River Deep, Mountain High"/ "Nutbush City Limits"/"Sweet Rhode Island Red"/"Sexy Ida (Part 1)"/"Sexy Ida (Part 2)"/"Baby - Get It On"/"Acid Queen" **Notas:** A versão de "River Deep, Mountain High" desta coletânea é uma regravação de 73 • O encarte traz uma nota biográfica, as datas de lançamento dos singles e o posto mais alto obtido por cada um nas paradas de pop e de r&b • Disponível em CD nos EUA, no Japão e na Europa. No Brasil, o disco não foi lançado

Está certo, o Ike Turner foi um péssimo maridão e sua ficha incluía várias estadias em prisões do estado da Califórnia por consumo e tráfico de cocaína. Em compensação, ele foi o homem que gravou em 51 – com apenas vinte anos! – o primeiro disco de rock'n'roll da história ("Rocket 88") junto a banda Kings Of Rhythm. Foi quem descobriu e lançou *aquela* mulher, quem montou um dos shows mais torridos dos anos 60 – em competição direta com James Brown – e gravou os 23 singles que compõem essa coletânea indispensável. Assim, ele não pode ser de todo ruim.

Basta uma rápida olhada na biografia de Ike e Tina Turner para sacar como os produtores de Hollywood estavam dormindo no ponto. E até mesmo o recém-lançado filme *What's Love Got To Do With It*, não deve dar conta da história desse casal que começou do nada, que virou lenda e que acabou em ópera bufa.

Nos dezessete anos em que atuaram juntos, Ike e Tina não mostraram talentos excepcionais de compositores. Ele, um pianista e guitarrista autodidata que começou tocando com B.B. King, Howlin' Wolf e Johnny Ace, foi um arranjador de primeira grandeza e um produtor musical irregular. Ela, o vulcão que todos conhecem, até hoje talvez a única cantora negra capaz de se rivalizar com Aretha Franklin.

Editada em 91, esta coletânea é por enquanto o melhor registro disponível da trajetória musical do casal. Começa com os sete primeiros singles (registrados de 60 a 62): de "A Fool In Love" a "You Should'a Treated Me Right". Eles flagram em gravações mono a transição do rhythm'n'blues para o soul.

Ficam entre parênteses os anos de turnês intermináveis da Ike And Tina Turner Revue, um período marcado por trocas frequentes de gravadoras, por singles raros e pelo "episódio Phil Spector", quando o famoso produtor "alugou" a voz de Tina a peso de ouro (por vinte mil dólares) em 66, para gravar "River Deep, Mountain High" – que se tornou um grandioso fracasso de vendas.

A seleção pula direto de 62 até 69 e pega fogo instantaneamente na fusão soul/rock, sintetizada nas fantásticas versões de canções dos Beatles ("Come Together"), dos Rolling Stones ("Honky Tonk Women"), de Sly And The Family Stone ("I Want To Take You Higher"), do Creedence Clearwater Revival ("Proud Mary") e The Who ("Acid Queen", da ópera-rock *Tommy*, que foi levada às telas com a própria Tina no papel da "rainha do ácido"). Não é exagero dizer que todas elas conseguiram superar as versões originais e nesta compilação foram intercaladas por preciosidades do calibre de "Nutbush City Limits" e outras jóias obscuras.

No fundo, a história do casal Ike e Tina Turner levanta a seguinte dúvida: o fato de realizar obras de arte relevantes pode redimir um criminoso drogado que espancava e aprisionava sua mulher?

Você decide... Mas antes de tudo, escute este disco. *JEAN YVES DE NEUFVILLE*

ROMANCINI

NOVA FM

89,7 São Paulo

Essa é a rádio.

Tropical Music
do Brasil Coml. Ltda.

REPRESENTANTE
EXCLUSIVO NO BRASIL
DAS MARCAS:

DEAN® GUITARS
GUITARS & BASSES

PEAVEY®

JUGGS® BATERIAS

QSC AUDIO

Distribuimos também produtos DOD / AUDIOLOGIC / DIGITECH

NAS MELHORES LOJAS

Tel.: (011) 61-6248 - Fax: (011) 61-3672